

CARMILLA

J. SHERIDAN LE FANU



KZK
EDITORA

CARMILLA

J. SHERIDAN LE FANU

Tradução: Eduardo Kraszczuk

2014

KZK
EDITORA

Prólogo

Em um pedaço de papel anexo à narrativa que se segue, o Doutor Hesselius escreveu uma nota bastante elaborada, que ele acompanha com uma referência a seu artigo sobre o estranho assunto em questão.

O misterioso assunto é tratado naquele artigo com seu conhecimento e perspicácia costumeiros, e de modo notavelmente direto e breve. Ele formará somente um volume da série de trabalhos reunidos daquele homem extraordinário.

Embora eu publique o caso neste volume simplesmente no interesse dos leigos, não devo me antecipar em nada à inteligente dama que o relata. E, depois de considerar longamente, decidi me abster de apresentar qualquer sumário do raciocínio do doutor erudito ou extrato da sua declaração sobre um assunto que ele descreve como "envolvendo, provavelmente, alguns dos arcanos mais profundos da nossa existência dupla e seus intermediários".

Fiquei ansioso, ao descobrir esses documentos, em retomar a correspondência iniciada há tantos anos pelo Doutor Hesselius com uma pessoa tão inteligente e cuidadosa como sua informante parece ter sido. Entretanto, lamentei muito ao descobrir que ela havia falecido durante aquele intervalo.

Provavelmente ela não teria acrescentado muito à narrativa que comunica nas páginas seguintes com, pelo que posso afirmar, tamanha meticulosidade.

Um primeiro horror

Na Estíria nós, embora não sejamos de forma alguma pessoas suntuosas, moramos em um castelo, ou *schloss*. Naquela parte do mundo, uma pequena renda pode realizar muito. Oitocentos ou novecentos por ano fazem maravilhas. Dificilmente seríamos considerados pessoas ricas em casa. Meu pai é inglês, e tenho um nome inglês, embora nunca tenha visto a Inglaterra. Mas aqui, neste lugar solitário e primitivo, onde tudo é tão maravilhosamente barato, não consigo ver como ter mais dinheiro poderia aumentar nossos confortos, ou mesmo nossos luxos, materiais.

Meu pai servira no serviço austríaco, se aposentou com uma pensão e seu patrimônio, e comprou esta residência feudal, e a pequena propriedade na qual ela fica, por uma pechincha.

Nada poderia ser mais pitoresco ou solitário. A propriedade fica em um uma pequena elevação em uma floresta. A estrada, muito antiga e estreita, passa em frente à ponte levadiça, que nunca foi levantada nos meus tempos, e seu fosso repleto de percas e cisnes, com frotas brancas de nenúfares flutuando na superfície.

Acima de tudo isso, o *schloss* exhibe sua fachada repleta de janelas, suas torres, e sua capela gótica.

A floresta se abre em uma clareira irregular e muito pitoresca à frente dos portões, e à direita, uma íngreme ponte gótica leva a estrada por sobre um regato que serpenteia sob as sombras profundas da floresta. Eu disse que é um lugar muito solitário. Julguem se estou dizendo a verdade. Olhando a partir da entrada do *hall* na direção da estrada, a floresta em volta do nosso castelo se estende por quinze milhas para a direita, e doze para a esquerda. A vila habitada mais próxima fica a sete milhas inglesas para a esquerda. O *schloss* habitado mais próximo de alguma importância histórica é o do velho general Spielsdorf, quase vinte milhas à direita.

Eu disse a “vila habitada mais próxima” porque há, apenas três milhas a oeste, ou seja, na direção do *schloss* do General Spielsdorf, uma vila em ruínas, com uma pequena e exótica igreja, agora sem telhado, em cujas alas laterais estão as criptas emboloradas da orgulhosa família de Karnstein, agora extinta, que um dia fora proprietária do *chateau* igualmente desolado que observa, do meio da

floresta, as ruínas silenciosas da vila.

Existe uma lenda sobre o motivo daquele local fascinante e melancólico estar deserto, que eu contarei no momento oportuno.

Devo dizer que o grupo que formava os habitantes de nosso castelo era muito pequeno. Não estou incluindo os criados, ou os dependentes que ocupam quartos nos edifícios adjacentes ao *schloss*. Ouçam, e espantem-se! Meu pai, o homem mais gentil da terra, mas envelhecendo; e eu, que na época da minha história, tinha somente dezenove anos. Passaram-se oito anos desde então.

Eu e meu pai constituíamos a família do *schloss*. Minha mãe, uma dama estíria, morreu quando eu era um bebê, mas eu tinha uma governanta gentil, que estava comigo, posso quase dizer, desde minha infância. Não consigo me lembrar de um tempo quando seu rosto gordo e benevolente não fosse uma imagem familiar em minha memória.

Ela era Madame Perrodon, uma nativa de Berna, cujos cuidados e boa natureza compensavam em parte a perda de minha mãe, de quem nem mesmo me lembro, tão jovem era quando a perdi. Ela era o terceiro membro do nosso pequeno grupo na hora do jantar. Havia um quarto, Mademoiselle De Lafontaine, que era, como creio que vocês a chamariam, uma "instrutora de etiqueta". Ela falava francês e alemão, Madame Perrodon falava francês e um inglês ruim, ao que meu pai e eu acrescentávamos o inglês, que falávamos todos os dias, em parte para impedir que ele se tornasse uma língua perdida entre nós, e em parte por motivos patrióticos. O resultado era uma Babel, da qual os estranhos costumavam rir, e que não tentarei reproduzir nesta narrativa. Havia, além disso, duas ou três jovens damas nossas amigas, aproximadamente da minha idade, que nos visitavam ocasionalmente, por períodos mais ou menos longos; visitas essas que eu às vezes retribuía.

Esses eram nossos recursos sociais regulares; mas é claro que havia visitas ocasionais de "vizinhos" que moravam a apenas cinco ou seis léguas de distância. Mesmo assim, minha vida dificilmente era solitária, posso assegurar.

Minhas governantas tinham tanto controle sobre mim quanto se poderia esperar que pessoas tão sábias tivessem sobre uma garota bastante mimada, cujo pai satisfazia quase todos os desejos.

O primeiro acontecimento que produziu uma impressão terrível sobre minha mente, que, na verdade, nunca foi apagada, foi também um dos primeiros incidentes de que posso me recordar. Algumas pessoas vão achá-lo tão trivial que não deveria ser registrado aqui. Entretanto, logo verá por que eu o menciono. O

berçário, como era chamado, embora fosse todo meu, era um quarto grande no andar superior do castelo, com piso de carvalho. Eu não devia ter mais de seis anos quando acordei uma noite, e, olhando para o quarto, não consegui ver a criada. Minha ama também não estava lá, e achei que estivesse sozinha. Não fiquei com medo, pois era uma daquelas afortunadas crianças que são deliberadamente isoladas das histórias de fantasmas, contos de fadas, e histórias que nos fazem cobrir a cabeça quando as portas rangem de repente, ou quando o tremeluzir de uma vela que se apaga faz uma sombra dançar na parede, mais perto dos nossos rostos. Fiquei aborrecida e insultada por me encontrar, como considerei, negligenciada, e comecei a choramingar, me preparando para chorar vigorosamente, quando, para minha surpresa, vi um rosto solene, mas muito bonito, olhando para mim do lado da cama. Era o rosto de uma jovem, que estava ajoelhada com as mãos sob o cobertor. Olhei para ela com uma espécie de surpresa agradável, e parei de choramingar. Ela me acariciou com as mãos, deitou-se ao meu lado na cama, e me abraçou, sorrindo. Senti imediatamente uma calma deliciosa, e adormeci novamente. Fui despertada pela sensação de que duas agulhas estavam se enterrando profundamente em meu peito, e gritei. A jovem se afastou, com os olhos fixos em mim, então deslizou para o chão e, como pensei, se escondeu debaixo da cama.

Então, pela primeira vez, tive medo, e gritei com toda a força. Aia, criada, governanta, todas entraram correndo, e, ao ouvir minha história, não lhe deram importância, enquanto me acalmavam o melhor que podiam. Mas, criança como eu era, podia perceber que seus rostos estavam pálidos e tinham uma aparência de ansiedade, e os vi procurarem embaixo da cama, e pelo quarto, e olharem sob mesas e abrir armários. A governanta sussurrou para a criada: "Coloque a mão naquela depressão na cama, *alguém* se deitou ali, com toda a certeza. O lugar ainda está quente".

Lembro-me da criada me acariciando, e dos três examinando meu peito, onde eu disse ter sentido a pontada, e dizendo que não havia sinal visível de que algo tivesse acontecido.

A governanta e as outras duas criadas responsáveis pelo berçário continuaram comigo toda a noite, e a partir daquele momento, uma criada sempre ficava no quarto comigo, até eu fazer catorze anos.

Muito tempo depois disso, fiquei muito nervosa. Um médico foi chamado. Ele era pálido e idoso. Como me lembro bem de seu longo rosto saturnino, levemente marcado pela varíola, e de sua peruca castanha. Por um longo tempo, a cada dois dias, ele vinha e me dava um remédio, que eu odiava, é claro.

Na manhã depois que vi a aparição eu estava aterrorizada, e não podia suportar ser deixada sozinha nem por um momento, embora fosse de dia.

Lembro-me de meu pai vindo e ficando ao lado da cama, conversando alegremente, fazendo várias perguntas à aia, e rindo alegremente de uma das respostas; me dando tapinhas no ombro, me beijando, e dizendo para que eu não tivesse medo, que aquilo não fora nada mais do que um sonho e que não poderia me ferir.

Mas não me senti confortada, pois sabia que a visita da mulher estranha *não* fora um sonho; e eu estava com *muito* medo.

Fiquei um pouco consolada pela criada me assegurando que fora ela que havia entrado e se deitado comigo na cama, e que eu devia ainda estar meio adormecida para não reconhecê-la. Mas aquilo, apesar de confirmado pela criada, não me satisfez totalmente.

Lembrei-me, durante aquele dia, de um venerável ancião, de batina negra, vindo até o quarto com a criada e a governanta, conversando um pouco com elas, e falando gentilmente comigo. Seu rosto era muito doce e gentil, e ele me disse que eles iriam rezar, me fez juntar as mãos, e queria que eu dissesse, gentilmente, enquanto eles rezavam, "Senhor, ouça todas as boas preces por nós, pelo amor de Jesus". Acho que essas eram as palavras exatas, pois eu as repeti muitas vezes para mim mesma, e minha aia costumava me fazer repeti-las em minhas orações.

Lembro-me muito bem do doce e pensativo rosto daquele ancião de cabelos brancos, com sua batina negra, de pé naquele quarto rude, espaçoso e marrom, rodeado pela desajeitada mobília de trezentos anos, e da luz fraca que penetrava naquela atmosfera sombria pela pequena grade. Ele se ajoelhou, acompanhado pelas três mulheres, e rezou em voz alta e trêmula pelo que me pareceu ser um longo tempo. Não me lembro de nada da minha vida antes daquele evento, e parte do que aconteceu depois também é obscuro, mas as cenas que acabei de descrever são tão vívidas quanto as imagens isoladas projetadas pelas lanternas mágicas na escuridão.

II

Uma convidada

Agora vou contar algo tão estranho que exigirá toda a fé em minha veracidade para acreditar. Mesmo assim, não só é verdade, mas uma verdade da qual fui testemunha ocular.

Era uma agradável tarde de verão, e meu pai me pediu, como fazia às vezes, para caminhar um pouco com ele naquela linda floresta que eu mencionei haver em frente do *schloss*.

– O General Spielsdorf não poderá vir tão cedo quanto eu esperava – disse meu pai, enquanto caminhávamos.

Ele deveria vir nos visitar por algumas semanas, e esperávamos que chegasse no dia seguinte. Ele deveria trazer consigo uma jovem dama, sua sobrinha e protegida, Mademoiselle Rheinfeldt, que eu nunca vira, mas que ouvira ser descrita como uma moça muito encantadora, e em cuja companhia eu esperava passar muitos dias felizes. Fiquei mais desapontada do que uma jovem dama da cidade, ou de uma vizinhança agitada, poderia imaginar. Essa visita, e a nova relação que prometia, havia alimentado meus devaneios por muitas semanas.

– E quando ele deve vir? – perguntei.

– Não até o outono. Não por dois meses, me arrisco a dizer – ele respondeu. – E agora fico muito feliz, minha querida, que você não tenha conhecido Mademoiselle Rheinfeldt.

– E por quê? – perguntei, ao mesmo tempo mortificada e curiosa.

– Porque a pobre jovem está morta – ele respondeu. – Esqueci que não havia lhe contado, mas você não estava na sala quando recebi a carta do General esta manhã.

Fiquei profundamente chocada. O General Spielsdorf havia mencionado na sua primeira carta, seis ou sete semanas antes, que ela não estava tão bem quando ele desejaria, mas não havia nada para sugerir a mais remota suspeita de perigo.

– Aqui está a carta do General – ele disse, entregando-a para mim. – Temo que ele esteja muito aflito. A carta me parece ter sido escrita de modo

muito distraído.

Sentamos-nos em um banco rústico, sob um grupo de magníficas limeiras. O sol estava se pondo com todo seu melancólico esplendor atrás do horizonte do bosque, e o regato fluía ao lado de nosso lar, e passava sob a velha ponte que mencionei, serpenteando sob muitos grupos de nobres árvores, quase aos nossos pés, refletindo o rubro desvaneceste do céu. A carta do General Spielsdorf era tão extraordinária, tão veemente, e em alguns pontos tão contraditória que a li duas vezes, a segunda em voz alta, para meu pai, e ainda assim não fui capaz de explicá-la, exceto supondo que a dor havia perturbado sua mente. Ela dizia:

Perdi minha filha querida, pois a amava com se o fosse. Durante os últimos dias da doença da querida Bertha não pude escrever.

Antes disso, não tinha ideia do perigo que ela corria. Eu a perdi, e agora sei de tudo, tarde demais. Ela morreu na paz da inocência, e na esperança gloriosa de um futuro abençoado. Foi o demônio que traiu nossa hospitalidade que causou tudo isso. Eu achei estar recebendo em minha casa inocência, alegria, uma companhia adorável para minha querida Bertha. Céus! Como fui tolo!

Agradeço a Deus por minha filha ter morrido sem suspeitar da causa de seu sofrimento. Ela se foi sem nem mesmo imaginar a natureza de sua doença, e a paixão maldita do agente de toda essa miséria. Devotarei meus dias restantes a encontrar e extinguir um monstro. Disseram-me que posso ter esperança de realizar esse objetivo justo e misericordioso. No momento há muito pouca luz para me orientar. Amaldiçoou minha tola incredulidade, minha lamentável afetação de superioridade, minha cegueira, minha obstinação... tudo... tarde demais. Não posso escrever ou falar coerentemente neste momento. Estou perturbado. Assim que tiver me recuperado um pouco, pretendo me dedicar por algum tempo a pesquisar, o que pode me levar até Viena. Em algum momento do outono, dois meses a partir de agora, ou antes, se eu viver, irei vê-lo isto é, se me permitir. Então contarei a você tudo o que não ouse colocar agora no papel. Adeus. Reze por mim, caro amigo.

A estranha carta se encerrava nestes termos. Embora nunca tivesse visto Bertha Rheinfeldt, meus olhos se encheram de lágrimas com aquela notícia repentina. Fiquei perturbada, além de profundamente desapontada.

O sol estava se pondo, e era crepúsculo quando devolvi a carta do General para meu pai.

Era uma noite clara, e caminhamos mais, especulando sobre os possíveis significados das violentas e incoerentes sentenças que eu acabara de ler. Precisávamos caminhar quase uma milha antes de chegar à estrada que passa na frente do *schloss*, e naquele momento a lua brilhava intensamente. Na ponte levadiça, encontramos Madame Perrodon e Mademoiselle De Lafontaine, que haviam saído, sem seus chapéus, para aproveitar o maravilhoso luar.

Elas estavam engajadas em uma animada conversa quando nos aproximamos. Juntamos-nos a elas na ponte, e nos voltamos para admirar a linda cena.

À nossa frente estava a clareira pela qual havíamos acabado de passar. À nossa esquerda, a estreita estrada serpenteava sob grupos de árvores de aparência nobre, e desaparecia de vista dentro da floresta. À direita, a mesma estrada cruza a íngreme e pitoresca ponte, perto da qual fica uma torre em ruínas, que um dia guardara aquela passagem. E, além da ponte, o terreno se eleva abruptamente, recoberto com árvores, e exibe nas sombras algumas rochas cinzentas cobertas de hera.

Além do relvado e terrenos baixos, uma fina camada de névoa se deslocava como fumaça, marcando as distâncias com um véu transparente; e aqui e ali podíamos ver o rio brilhando fracamente sob o luar.

Não se poderia imaginar uma cena mais doce e agradável. A notícia que eu acabara de receber a tornara melancólica; mas nada poderia perturbar seu caráter de profunda serenidade, e a glória e imprecisão mágicas do panorama.

Eu e meu pai, que apreciava o pitoresco, ficamos olhando em silêncio para a vastidão abaixo de nós. As duas boas governantas, de pé um pouco atrás de nós, discursavam sobre a cena e sobre a lua.

Madame Perrodon era gorda, de meia-idade, romântica, e falava e suspirava poeticamente. Mademoiselle De Lafontaine, fazendo jus a seu pai alemão e se considerando psicológica, metafísica e um pouco mística, afirmou que a lua estava brilhando com uma luz muito intensa, o que se sabia ser indicação de atividades espirituais especiais. Aquele brilho da lua cheia tinha muitos efeitos.

Ele agia sobre os sonhos, sobre a insanidade, sobre pessoas nervosas, e tinha maravilhosas influências físicas ligadas à vida. Mademoiselle contou que seu primo, que era oficial em um navio mercante, depois de adormecer no tombadilho em uma noite como aquela, deitado de costas, com o rosto completamente exposto à luz da lua, sonhara que uma velha mulher arranhava seu rosto, acordara com o rosto horrivelmente distorcido para um lado, e nunca se recuperara totalmente.

– A lua esta noite – ela disse – está cheia de influências idílicas e magnéticas. E vejam, se olharem para trás verão como todas as janelas da frente do *schloss* brilham e reluzem com um esplendor prateado, como se mãos invisíveis tivessem iluminado os quartos para receber fadas.

Existem estados indolentes de espírito nos quais, quando não estamos dispostos nós mesmos a falar, a conversa dos outros é agradável aos nossos ouvidos desatentos. Continuei olhando, achando o som da conversa das senhoras agradável.

– Estou deprimido esta noite – disse meu pai, depois de um silêncio. E, citando Shakespeare, que, para mantermos nosso inglês, ele costumava ler em voz alta, disse:

– “Na verdade não sei por que estou tão triste. Isso me fatiga: você diz que isso fatiga você; mas como fiquei assim, como o encontrei”. Não me lembro do resto. Mas sinto que um grande infortúnio pesa sobre nós. Suponho que a carta do pobre General tenha algo a ver com isso.

Naquele momento, nossa atenção foi atraída pelo som incomum das rodas de uma carruagem e de muitos cavalos na estrada.

Eles pareciam estar se aproximando pelo terreno elevado além da ponte, e logo a equipagem surgiu daquele ponto. Primeiro, dois cavaleiros atravessaram a ponte, e depois uma carruagem puxada por quatro cavalos, com mais dois homens cavalgando atrás.

Parecia ser a carruagem de alguém de posição, e logo ficamos todos absorvidos em assistir aquele incomum espetáculo. Ele logo se tornou muito mais interessante, pois assim que a carruagem passou pelo meio da ponte, um dos cavalos se assustou com alguma coisa, e comunicou seu pânico aos demais, e, depois de um ou dois puxões, toda a parelha começou a galopar furiosamente, disparando por entre os cavaleiros que iam à frente, vindo em nossa direção pela estrada com a velocidade de um furacão.

A excitação da cena foi tornada mais dolorosa pelos gritos claros e longos de uma voz feminina vinda da janela da carruagem.

Todos avançamos com curiosidade e horror. Eu, em silêncio, e o resto com várias expressões de terror.

Nosso suspense não durou muito. Na rota por onde eles vinham, há, do lado da estrada, pouco antes da ponte levadiça do castelo, uma magnífica limeira, e do outro, uma antiga cruz de pedra à vista da qual os cavalos, que agora vinham a uma velocidade aterradora, desviaram-se e fizeram as rodas atingirem as raízes da árvore.

Eu sabia o que ia acontecer. Cobri os olhos, incapaz de olhar, e virei o rosto para o outro lado; no mesmo momento ouvi minhas amigas, que haviam avançado um pouco, gritarem.

A curiosidade me fez abrir os olhos, e o que vi foi uma cena de completa confusão. Dois dos cavalos estavam no chão, a carruagem estava tombada, com duas rodas para o alto; os homens estavam ocupados removendo os escombros, e uma dama com ar e figura de autoridade havia saído da carruagem, e estava de pé com as mãos unidas, de vez em quando enxugando os olhos com o lenço que segurava.

Uma jovem dama, que parecia morta, estava sendo retirada pela porta da carruagem. Meu querido velho pai já estava ao lado da senhora mais velha, com o chapéu nas mãos, evidentemente oferecendo ajuda e os recursos do *schloss*. A dama parecia não estar ouvindo, nem ter olhos para nada além da moça esguia que estava sendo colocada contra uma inclinação do terreno.

Aproximei-me; a jovem dama parecia estar atordoada, mas certamente não estava morta. Meu pai, que se considerava um pouco médico, já estava tomando seu pulso e garantiu à dama, que declarou ser mãe da moça, que o pulso, apesar de fraco e irregular, sem dúvida ainda estava presente. A dama apertou as mãos e olhou para os céus, como se em um arrebatamento momentâneo de gratidão; mas imediatamente retomou os modos teatrais que, acredito, são naturais a algumas pessoas.

Ela era o que se chama uma mulher de boa aparência para a idade, e devia ter sido bela; era alta, mas não magra, estava vestida de veludo negro, e era muito pálida, mas tinha uma aparência de orgulho e autoridade, embora naquele momento estivesse muito agitada.

– Quem poderia ter sido destinada a tantas calamidades? – a ouvi

dizer, com as mãos unidas, quando me aproximei. – Aqui estou, em uma jornada de vida ou morte, na qual perder uma hora pode fazer a diferença. Quem sabe quando minha filha terá se recuperado o bastante para retomar a viagem. Devo deixá-la: não posso, não ousa, me atrasar. Pode me dizer, senhor, a que distância fica a vila mais próxima? Devo deixá-la lá; e não devo ver minha querida, ou mesmo saber dela, até meu retorno, daqui a três meses.

Puxei o casaco de meu pai, e sussurrei ansiosa em seu ouvido: – Oh, Papai! Por favor, peça para que ela fique conosco. Isso seria tão agradável. Por favor.

– Se Madame confiar sua filha aos cuidados de minha filha e de sua boa governanta, Madame Perrodon, e permitir que ela fique aqui como nossa convidada, sob minha responsabilidade, até seu retorno, considerarei isso uma distinção e honra para nós, e a trataremos com todo o cuidado e devoção que uma confiança tão sagrada merece.

– Não poderia fazer isso, senhor, seria abusar muito cruelmente de sua gentileza e cavalheirismo – disse a dama, distraída.

– Pelo contrário, seria nos conceder uma grande gentileza no momento em que mais precisamos dela. Minha filha acaba de ser desapontada por um cruel infortúnio, em uma visita que ela considerava lhe trazer muita alegria. Seria um grande consolo para ela se confiasse esta jovem dama a nossos cuidados. A vila mais próxima em seu caminho fica distante, e não tem uma estalagem na qual a senhora poderia considerar deixar sua filha; a senhora não pode permitir que ela continue a viagem por nenhuma distância considerável sem correr perigo. Se, como diz, não pode interromper a viagem, deve se separar dela esta noite, e em lugar nenhum poderia encontrar garantias mais honestas de cuidado e gentileza do que aqui.

Havia algo no ar, aparência e modos daquela dama que era tão distinto, e até mesmo imponente, muito diferente da dignidade da sua equipagem, que garantia que ela era uma pessoa de importância.

Então, a carruagem já havia sido endireitada, e os cavalos, muito mais calmos, já estavam atrelados novamente.

A dama lançou rapidamente um olhar para a filha que, imaginei, não era tão afetuoso quanto se poderia esperar pelo começo da cena; então olhou rapidamente para meu pai, e se afastou dois ou três passos com ele, fora do alcance da audição; e falou com ele com um olhar fixo e severo, de modo muito diferente do que havia falado até então.

Fiquei surpresa por meu pai ter parecido não notar a mudança, e também incrivelmente curiosa para saber o que ela estava dizendo, quase em seu ouvido, com tanta ansiedade e rapidez.

Creio que isso durou dois ou três minutos, e então ela se voltou, e com poucos passos retornou para onde estava sua filha, apoiada por Madame Perrodon. Ela ajoelhou-se ao seu lado por um momento e sussurrou, como Madame supôs, uma pequena bênção em seu ouvido; então, beijando-a apressadamente, subiu na carruagem, a porta foi fechada, os criados nas librés luxuosas subiram na parte de trás, os batedores avançaram, os condutores soaram os chicotes, os cavalos avançaram e começaram um trote furioso que logo se tornou um galope, e a carruagem se afastou, seguida no mesmo passo rápido pelos dois cavaleiros na retaguarda.

III

Comparamos histórias

Seguimos o cortejo com os olhos até que ele sumiu de vista na floresta enevoada; e o próprio som dos cascos e rodas morreu no silencioso ar da noite.

Nada restou para nos assegurar que a aventura não fora uma ilusão momentânea, exceto pela jovem dama, que exatamente naquele momento abriu os olhos. Eu não podia ver, pois seu rosto estava voltado para o outro lado, mas ela levantou a cabeça, evidentemente olhando ao redor, e ouvi uma voz muito doce perguntar, queixosa, “Onde está mamãe?”.

A boa Madame Perrodon respondeu gentilmente, confortando-a.

Então a ouvi perguntar:

– Onde estou? Que lugar é este? – e depois disso ela disse – Não vejo a carruagem, e Matska, onde está ela?

Madame respondeu a todas suas perguntas à medida que podia entendê-las; e gradualmente a jovem se lembrou de como a desventura acontecera, e ficou feliz ao ouvir que ninguém na carruagem ou na equipagem se ferira; e ao saber que sua mãe a deixara conosco, até seu retorno dali a três meses, ela chorou.

Eu estava prestes a acrescentar meus consolos aos de Madame Perrodon quando Mademoiselle De Lafontaine colocou a mão no meu braço, dizendo:

– Não se aproxime. Nesse momento, ela só pode falar com uma pessoa de cada vez; agora, até uma pequena excitação pode ser demais para ela.

“Assim que ela estiver confortável na cama”, pensei, “irei vê-la em seu quarto”.

Enquanto isso, meu pai havia mandado um criado a cavalo buscar o médico, que morava a duas léguas de distância, e que um quarto fosse preparado para receber a jovem.

A estranha se levantou, apoiada no braço de Madame, e caminhou lentamente pela ponte levadiça, cruzando o portão do castelo.

No *hall*, os criados esperavam para recebê-la, e ela foi levada para o quarto. O cômodo que costumávamos usar como sala de estar é longo, com quatro janelas, que se abrem para o fosso e a ponte levadiça, sobre a paisagem da floresta que acabei de descrever.

Os móveis eram de velho carvalho esculpido, com grandes armários, e as cadeiras tinham almofadas de veludo *Utrecht* vermelho. As paredes eram recobertas de tapeçarias, com grandes molduras douradas, as figuras mostradas eram grandes como a vida, em um estilo antigo e muito curioso, e representavam cenas de caça, falcoaria e, geralmente, festivas. Não era tão que não fosse extremamente confortável; e lá tomávamos nosso chá, pois, com seus costumeiros penhores patrióticos, meu pai insistia que a bebida nacional deveria acompanhar regularmente nosso café e chocolate.

Naquela noite, nos sentamos lá, com as velas acesas, conversando sobre as aventuras da noite.

Madame Perrodon e Mademoiselle De Lafontaine nos faziam companhia. A jovem estranha mal se deitou e caiu em um sono profundo; e elas a deixaram aos cuidados de uma criada.

– O que acham da nossa hóspede? – perguntei, assim que Madame entrou. – Falem-me dela.

– Gosto muito dela – respondeu Madame. – Ela é, creio, a criatura mais linda que já vi; mais ou menos da sua idade, e muito gentil e agradável.

– Ela é absolutamente linda – acrescentou Mademoiselle, que havia espiado por um momento no quarto da estranha.

– E que voz doce! – acrescentou Madame Perrodon.

– Vocês notaram uma mulher na carruagem, depois que ela foi levantada de novo, que não saiu dela – perguntou Mademoiselle – mas ficou só olhando pela janela?

– Não, não a vimos.

Então ela descreveu uma horrenda mulher negra, com um tipo de turbante colorido, que ficou olhando o tempo todo da janela da carruagem, assentindo e sorrindo com ironia para as damas, com grandes olhos brilhantes e brancos, com os dentes apertados, como se estivesse furiosa.

– Vocês notaram que grupo de homens de aparência terrível eram os criados? – perguntou Madame.

– Sim – disse meu pai, que havia acabado de entrar. – Nunca vi sujeitos de aparência tão feia e desgredada na minha vida. Imagino que eles possam assaltar a pobre dama na floresta. Mas são patifes inteligentes; eles podem dar um jeito em tudo em um minuto.

– Arrisco-me a dizer que eles estão cansados por viajar tanto – disse Madame.

– Além de terem uma aparência cruel, seus rostos também eram estranhamente magros, escuros e taciturnos. Estou muito curioso; mas arrisco-me a dizer que a jovem dama contará tudo amanhã, se estiver recuperada o suficiente.

– Não creio que vá – disse meu pai, com um sorriso misterioso, como se soubesse mais do que estava dizendo.

Isso nos deixou ainda mais curiosas quanto ao que se passara entre ele e a dama de veludo negro, durante a breve, porém ansiosa, entrevista que se passou imediatamente antes da sua partida.

Mal ficamos sozinhas, eu o persuadei a me contar. Não foi preciso pressionar muito.

– Não há motivo particular pelo qual eu não devesse lhe contar. Ela expressou relutância em nos incomodar com o cuidado de sua filha, dizendo que ela tinha saúde delicada, e nervosa, mas que não estava sujeita a nenhum tipo de ataque. Ela enfatizou isso. Nem nenhum tipo de ilusão, sendo, na verdade, perfeitamente sã.

– Que coisa estranha de se dizer. – acrescentei. – Tão desnecessário.

– De qualquer forma, *foi dito* – ele riu. – E como você queria saber o que havia acontecido, que na verdade foi muito pouco, estou contando. Então ela disse “Estou realizando uma longa viagem de importância *vital*”, ela enfatizou a palavra, “Rápida e secreta. Devo retornar para buscar minha filha em três meses; enquanto isso, ela guardará segredo sobre quem somos, de onde viemos, e para onde estamos viajando”. Foi isso que ela disse. Ela falou em um francês excelente. Quando disse a palavra “segredo”, fez uma pausa de alguns segundos, parecendo séria, com os olhos fixos nos meus. Imagino que ela faça muita questão disso. Você viu a velocidade com que partiu. Espero não ter cometido uma grande tolice ao

assumir a responsabilidade sobre a jovem dama.

De minha parte, eu estava deleitada. Estava ansiosa para ver e falar com ela, esperando só que o médico me desse permissão. Vocês, que vivem em cidades, não têm ideia que como conhecer um novo amigo é um grande evento na solidão que nos cerca.

O médico não chegou até quase uma hora, mas eu não era mais capaz de ir para a cama e dormir do que de alcançar, a pé, a carruagem na qual a princesa trajada de veludo negro havia partido.

Quando o médico desceu para a sala de estar, foi para dar boas notícias sobre a paciente. Ela já estava sentada, seu pulso estava bastante regular, e parecia perfeitamente bem. Ela não havia se ferido, e o pequeno choque aos seus nervos havia sido inofensivo. Certamente não haveria risco em eu vê-la, se nós duas desejássemos; e, com sua permissão, mandei perguntar se ela me permitiria visitá-la em seu quarto por alguns minutos.

O criado retornou imediatamente para dizer que não havia nada que ela desejasse mais.

Pode ter certeza de que eu não demorei em tirar proveito dessa permissão.

Nossa visitante ocupava o mais belo dos quartos do *schloss*. Ele era, talvez, um pouco pomposo. Havia uma sóbria tapeçaria na parede oposta à cama, representando Cleópatra com as víboras no seio; e outras solenes cenas clássicas também eram exibidas, um pouco desbotadas, sobre as outras paredes. Mas havia gravuras em ouro, e cores ricas e variadas nas demais decorações do quarto, mais do que o bastante para redimir a melancolia das velhas tapeçarias.

Havia velas ao lado da cama. Ela estava sentada na cama, sua bela figura esguia estava envolvida pela seda macia da camisola, bordada com flores e forrada de espessa seda acolchoada, que sua mãe havia colocado sobre ela quando estava desmaiada no chão.

O que teria sido que me atordoou e me fez recuar um ou dois passos quando cheguei ao lado da cama e comecei a cumprimentá-la? Vou lhes contar.

Eu vi o mesmo rosto que havia me visitado na infância, que continuava muito vívido em minha memória, e sobre o qual pensei tantas vezes, com horror, por todos aqueles anos, quando ninguém suspeitava em que eu estava pensando.

Era um rosto bonito, até mesmo lindo; e quando o vi pela primeira vez, tinha a mesma expressão melancólica.

Mas esta se iluminou quase instantaneamente por um sorriso de reconhecimento.

Ficamos em silêncio por quase um minuto, e afinal ela falou; eu não conseguia.

– Que estranho! – ela exclamou. – Doze anos atrás, vi seu rosto em um sonho, e ele tem me assombrando desde então.

– Estranho, de fato! – repeti, superando com esforço o horror que havia me impedido momentaneamente de falar. – Doze anos atrás, em uma visão ou na realidade, eu certamente vi você. Não pude esquecer seu rosto. Ele continuou desde então diante de meus olhos.

Seu sorriso se suavizou. O que quer que eu tivesse achado estranho nele se fora, e agora suas bochechas com covinhas pareciam deliciosamente lindas e inteligentes.

Senti-me reassegurada, e continuei do modo que a hospitalidade me indicava, dando-lhe as boas vindas, e dizendo-lhe que sua chegada acidental nos dera a todos um grande prazer, e especialmente a felicidade que era para mim.

Segurei sua mão enquanto falava. Eu era um pouco tímida, como as pessoas solitárias são, mas a situação me tornou eloquente, e até mesmo ousada. Ela apertou minha mão, cobriu-a com as dela, e seus olhos brilharam quando, olhando ansiosamente nos meus, sorriu de novo, e corou.

Ela respondeu minhas boas-vindas com muita gentileza. Sentei-me ao seu lado, ainda pensativa, e ela disse:

– Devo falar de minha visão sobre você; é tão estranho que você e eu tenhamos sonhado tão vividamente uma com a outra, e que tenhamos visto uma à outra como somos agora, quando é claro que nós duas éramos apenas crianças. Eu era uma criança, com cerca de seis anos de idade, e despertei de um sonho confuso e inquieto, e me vi em um quarto, diferente do meu berçário, com painéis mal feitos de madeira escura, e com armários e estrados, e cadeiras, e bancos espalhados. As camas estavam, creio, todas vazias, e o quarto estava vazio, exceto por mim mesma; e eu, olhando ao meu redor por algum tempo, e admirando especialmente um candelabro de ferro com dois braços, que eu certamente reconheceria, engatinhei para baixo de uma das camas para chegar à janela; mas,

quando saí de baixo da cama, ouvi alguém chorando; e olhando para cima, ainda de joelhos, vi você, com toda certeza era você, como está agora; uma linda jovem, com cabelos dourados e grandes olhos azuis, e lábios... seus lábios... você, como está aqui e agora.

– Seu olhar me conquistou, subi na cama e a abracei, e acho que nós duas adormecemos. Fui acordada por um grito, você havia se sentado e estava gritando. Fiquei assustada e deslizei para o chão, e, como me pareceu, perdi a consciência por um momento, e quando voltei a mim, estava de novo em meu quarto, em casa. Não me esqueci de seu rosto desde então. Eu não poderia ser enganada por uma simples semelhança. Você é a jovem que eu vi.

Agora era minha vez de relatar minha visão correspondente, o que fiz, para verdadeira admiração de minha nova conhecida.

– Não sei qual de nós deveria ter mais medo da outra – ela disse, sorrindo – se você fosse menos bonita, acho teria muito medo de você, mas sendo você como é, e sendo nós duas tão jovens, sinto apenas que a conheci doze anos atrás, e que já tenho direito à sua intimidade, ao que tudo indica fomos destinadas, desde a mais tenra infância, a sermos amigas. Imagino se você se sente tão estranhamente atraída para mim como me sinto para você; nunca tive uma amiga... encontrarei uma agora? – Ela suspirou, e seus belos olhos negros me olhavam apaixonadamente.

A verdade é que eu me sentia inexplicavelmente influenciada pela linda estranha. Eu me sentia, como ela disse, “atraída para ela”, mas sentia também um pouco de repulsa. Neste sentimento ambíguo, entretanto, a sensação de atração prevalecia imensamente. Ela me interessava, e me conquistou; ela era tão linda e tão indescritivelmente atraente.

Então percebi nela um pouco de languidez e exaustão, e me apressei em lhe desejar boa noite.

– O doutor acha – acrescentei – que você deveria ter a companhia de uma criada esta noite. Uma das nossas está esperando, e você verá que ela é uma criatura muito prestativa e quieta.

– Que gentileza sua, mas eu não poderia dormir, nunca, com alguém no quarto. Não precisarei de nenhuma assistência... e devo confessar minha fraqueza, tenho terror de ladrões. Nossa casa foi roubada certa vez, e dois criados foram assassinados, então sempre tranco minha porta. Isso se tornou um hábito... e você parece tão gentil que tenho certeza que irá me perdoar. Vejo que há uma chave na fechadura.

Ela me envolveu nos seus lindos braços por um momento, e sussurrou em meu ouvido – Boa noite, querida, é muito difícil me separar de você, mas boa noite; amanhã, se não antes, a verei de novo.

Ela caiu sobre o travesseiro com um suspiro, e seus belos olhos me seguiram com um olhar afetuoso e melancólico, e ela murmurou de novo – Boa noite, querida amiga.

Os jovens gostam, e até mesmo amam, por impulso. Fiquei lisonjeada pela evidente, embora ainda não merecida, afeição que ela demonstrava. Gostei da confiança com a qual ela me recebeu. Ela estava determinada a que nos tornássemos muito boas amigas.

O dia seguinte chegou, e nos encontramos de novo. Fiquei deleitada com minha companheira, sob muitos aspectos.

Sua aparência não perdia nada à luz do dia; ela era certamente a mais linda criatura que eu já havia visto, e a desagradável semelhança com o rosto do meu sonho anterior havia perdido o efeito daquele primeiro reconhecimento inesperado.

Ela confessou que sofrera um choque similar ao me ver, e precisamente a mesma fraca antipatia que havia se mesclado à minha admiração por ela. Agora, ríamos juntas dos nossos temores momentâneos.

IV

Seus hábitos — Um passeio

Eu disse que fiquei encantada com a maioria das suas características. Havia algumas que não me agradavam tanto.

Ela era mais alta do que a maioria das mulheres. Vou começar descrevendo-a.

Ela era esguia, e maravilhosamente graciosa. Exceto que seus movimentos eram lânguidos, muito lânguidos. Na verdade, não havia nada em sua aparência que indicasse uma inválida. Sua compleição era rica e brilhante, suas feições pequenas eram lindamente formadas; seus olhos eram grandes, negros e brilhantes; seu cabelo era maravilhoso; eu nunca vira um cabelo tão magnificamente cheio e longo como quando ela o soltava sobre os ombros. Muitas vezes eu o tocava com as mãos, e ria maravilhada com seu peso. Ele era incrivelmente belo e macio, e era de um castanho muito escuro, com um toque de dourado. Eu adorava soltá-lo, deixando-o ceder ao próprio peso, E, em seu quarto, quando ela se deitava na cadeira, conversando com sua voz doce e grave, eu costumava fazer tranças nele, e espalhá-lo, e brincar com ele. Céus! Se eu soubesse!

Eu disse que havia algumas coisas que não me agradavam. Disse que a confiança dela me conquistou na primeira noite em que a vi, mas descobri que ela mantinha uma reserva constante sobre tudo o que dizia respeito a si própria, à sua mãe, sua história, de fato tudo que tivesse conexão com sua vida, seus planos ou sua família. Arrisco-me a dizer que estava sendo despropositada, e talvez estivesse errada. Talvez devesse ter respeitado a solene injunção imposta sobre meu pai pela imponente dama em veludo negro. Mas a curiosidade é uma paixão incansável e inescrupulosa, e nenhuma moça pode suportar pacientemente que a sua seja despistada por alguém. Que mal poderia fazer se alguém me dissesse o que eu desejava tão ardentemente saber? Ela não confiava em meu senso de honra? Por que não acreditava quando eu lhe garantia solenemente que não divulgaria uma sílaba do que me contasse a nenhuma alma viva?

Parecia-me que ela possuía uma frieza incompatível com sua idade na sua melancolia sorridente e persistente recusa em me conceder até mesmo o menor raio de luz.

Não posso dizer que discutimos por isso, pois ela não discutia por nada.

Era, é claro, muito injusto de minha parte pressioná-la, muito indelicado, mas eu realmente não podia evitar. E eu poderia simplesmente ter deixado estar.

O que ela acabou me contando somava, em minha injusta estimativa... nada.

Tudo se resumia a três revelações muito vagas:

Primeira: Seu nome era Carmilla.

Segunda: Sua família era muito antiga e nobre.

Terceira: Sua casa ficava a oeste.

Ela não disse o nome de sua família, nem quais eram seus brasões, nem o nome de sua propriedade, nem mesmo em que país eles viviam.

Mas vocês não devem pensar que eu a incomodei incessantemente com essas perguntas. Eu procurava por oportunidades, e mais insinuava do que fazia minhas perguntas. Na verdade, uma ou duas vezes eu a ataquei mais diretamente. Mas não importa que táticas usasse, o resultado era invariavelmente um fracasso completo. Nem censuras nem agrados tinham efeito sobre ela. Mas devo dizer que suas evasivas eram conduzidas com tanta melancolia e súplicas, com tantas, e tão apaixonadas, declarações de que gostava de mim e confiava em minha honra, e com tantas promessas que eu afinal saberia de tudo, que eu não podia ficar ofendida.

Ela costumava colocar seus lindos braços ao redor do meu pescoço, me puxar para perto e encostar o rosto no meu, e murmurar junto ao meu ouvido "Querida, seu coraçãozinho está ferido; não me ache cruel porque obedeço à lei irresistível das minhas forças e fraquezas; se seu querido coração está ferido, meu selvagem coração sangrará junto com o seu. No arrebatamento da minha enorme humilhação eu vivo em sua vida calorosa, e você deve morrer... morrer, morrer gentilmente... na minha. Não posso evitar; como me aproximo de você, você por sua vez se aproximará de outros, e aprenderá o arrebatamento daquela crueldade, que mesmo assim é amor; por um momento, não tente saber mais sobre mim e os meus, mas confie em mim com todo seu espírito amoroso".

E, quando terminava com essa rapsódia, ela me apertava mais forte em seu abraço trêmulo, e beijava meu rosto gentilmente.

Suas agitações e idioma eram inteligíveis para mim.

Eu costumava querer fugir daqueles abraços tolos, que não eram muito frequentes, admito; mas parecia não ter energia. Ela murmurava palavras que soavam como uma cantiga de ninar para meus ouvidos, e transformava minha resistência em um transe do qual eu só parecia me recuperar quando ela se afastava.

Não gostava dela quando tinha essas disposições misteriosas. Eu experimentava uma estranha excitação conturbada, que era ocasionalmente agradável, mesclada a uma vaga sensação de medo e repulsa. Eu não tinha pensamentos distintos sobre ela enquanto duravam essas cenas, mas tinha consciência de um amor tornando-se adoração, e também repugnância. Sei que isso é um paradoxo, mas não tenho outra forma de explicar a sensação.

E agora escrevo, depois de um intervalo de mais de dez anos, com a mão trêmula, com lembranças confusas e horríveis de certos acontecimentos e situações, sofrendo a mesma provação que sofria inconscientemente na época, embora com lembrança vívida e aguda dos fatos principais da minha história.

Mas suspeito que nas vidas de todos existam certas cenas emocionais, nas quais nossas paixões são despertadas mais vívida e terrivelmente, que são as de que nos lembramos mais fracamente.

Às vezes, depois de uma hora de apatia, minha estranha e linda companheira segurava minha mão com uma pressão carinhosa, renovada repetidamente; corando levemente, olhando para o meu rosto com olhos lânguidos e calorosos, e respirando tão rápido que seu vestido subia e descia com a tumultuosa respiração. Era como o ardor de um amante. Aquilo me embaraçava, era odioso e ainda assim me dominava; e com olhos regozijantes ele me puxava para perto dela, e seus lábios quentes percorriam meu rosto com beijos; e ela sussurrava, quase soluçando: "Você é minha, você *deve* ser minha, você e eu ficaremos juntas para sempre". Então se jogava de volta na cadeira, cobrindo os olhos com as pequenas mãos, deixando-me trêmula.

– Somos parentes? – eu costumava perguntar. – O que quer dizer com tudo isso? Talvez eu a lembre de alguém que ama; mas não deve, odeio isso. Eu não conheço você... eu não reconheço a mim mesma quando você me olha e fala assim.

Ela costumava suspirar para minha veemência, e então se voltar e soltar minha mão.

Lutei em vão para formar qualquer teoria satisfatória sobre essas manifestações tão extraordinárias. Não podia considerá-las uma afetação ou

truque. Era, sem dúvida, a liberação momentânea de um instinto ou emoção reprimidos. Seria ela, apesar da negativa voluntária de sua mãe, sujeita a breves acessos de insanidade, ou seria aquilo um disfarce e um romance? Eu havia lido sobre aquele tipo de coisa em velhos livros de histórias. E se um pueril apaixonado tivesse conseguido entrar na casa, e quisesse fazer sua corte às escondidas, com a ajuda de uma inteligente velha aventureira? Mas havia muitos argumentos contra essa hipótese, por mais que agradasse minha vaidade.

Não podia me gabar de receber muitas das atenções que a galanteria masculina se deleita em oferecer. Entre aqueles momentos apaixonados havia longos intervalos de lugares comuns, de alegria, de melancolia, durante os quais ela parecia não me dar atenção, exceto que eu notava seus olhos me seguindo, cheios de um fogo melancólico. Exceto durante esses breves períodos de misteriosa excitação, seus modos eram muito femininos, e sempre muito lânguidos, muito incompatíveis com um sistema masculino saudável.

Seus hábitos, sob alguns aspectos, eram estranhos. Talvez não tão singulares na opinião de uma dama da cidade, mas eram para nós, gente do campo. Ela costumava descer do quarto muito tarde, geralmente não antes da uma hora, e então tomava uma xícara de chocolate, mas não comia nada; então, saíamos para uma caminhada, que era um mero passeio, mas ela ficava, quase imediatamente, exausta, e retornava para o *schloss*, ou se sentava em dos bancos colocados aqui e ali entre as árvores. Era uma languidez física que sua mente não compartilhava. Ela conversava sempre com animação, e muita inteligência.

Às vezes, ela aludia por um momento à sua própria casa, ou mencionava uma aventura ou situação, ou uma antiga lembrança, que indicava um povo de modos estranhos, e descrevia costumes dos quais não sabíamos nada. Deduzi dessas pistas ocasionais que seu país natal era muito mais remoto do que imaginei a princípio.

Certa tarde, enquanto nos sentávamos sob as árvores, uma procissão funerária passou por nós. Era o funeral de uma linda menina, que eu vira muitas vezes, filha de um dos guardas florestais. O pobre homem estava caminhando atrás do caixão de sua querida filha. Ela era sua filha única, e ele parecia estar com o coração partido.

Camponeses, andando aos pares, vinham logo atrás, cantando um hino fúnebre.

Levantei-me para prestar meus respeitos quando eles passaram, e acompanhei o hino que estavam cantando com tanta gentileza.

Minha companheira me sacudiu um pouco rudemente, e voltei-me, surpresa.

– Não percebe como isso é contraditório? – ela disse, com brusquidão

– Pelo contrário, acho muito tocante – respondi, envergonhada pela interrupção, e muito desconfortável, pois as pessoas que compunham a pequena procissão podiam ver e se ressentir do que estava acontecendo.

Assim, recomecei a cantar, e fui de novo interrompida. – Está ferindo meus ouvidos – disse Carmilla, quase com raiva, tampando os ouvidos com seus pequenos dedos. – Além disso, como pode saber que temos a mesma religião? Seus rituais me ofendem, e eu odeio funerais. Que confusão! Ora, você deve morrer. *Todos* devem morrer, e ficam mais felizes quando o fazem. Vamos para casa.

– Meu pai foi com o clérigo para a igreja. Achei que você soubesse que ela ia ser enterrada hoje.

– Ela? Não ocupo minha mente com camponeses. Não sei quem é ela – respondeu Carmilla, com um lampejo nos belos olhos.

– Ela é a pobre menina que achou ter visto um fantasma duas semanas atrás, e que esteve doente desde então, até ontem, quando expirou.

– Não me fale de fantasmas. Não conseguirei dormir à noite, se o fizer.

– Espero que não haja uma praga ou febre por aí; parece muito ser o caso – continuei. – A jovem esposa do guardador de porcos morreu apenas uma semana atrás, e ela achava que algo a havia agarrado pela garganta quando estava deitada, e quase a estrangulou. Papai diz que essas ilusões horríveis acompanham alguns tipos de febre. Ela estava muito bem no dia anterior. Depois disso, definiu, e morreu em menos de uma semana.

– Bem, espero que o funeral *dela* já tenha acabado, e que tenham cantado os hinos; e que nossos ouvidos não sejam torturados com bobagens desafinadas. Isso me afetou os nervos. Sente-se aqui, ao meu lado, bem perto; segure minha mão, aperte-a com força... Mais... Mais.

Havíamos nos afastado um pouco, e chegado a outro banco.

Ela se sentou. Seu rosto sofreu uma mudança que me alarmou, e até mesmo aterrorizou, por um momento. Ele escureceu, e ficou horrivelmente lívido;

seus dentes e mãos estavam apertados, ela franziu a testa e comprimiu os lábios enquanto olhava para o chão sob seus pés, e tremia continuamente, como se estivesse doente. Todas suas energias pareciam empenhadas em suprimir um ataque com o qual ela lutava furiosamente, e afinal ela deu um grito baixo e convulsivo de dor, e gradualmente a histeria cedeu. – Pronto! É isso que acontece quando se estrangula pessoas com hinos! – ela disse, afinal. – Me abraçe, me abraçe forte. Está passando.

E, gradualmente, foi passando; e talvez para dissipar a impressão sombria que o espetáculo havia me causado, ela ficou incomumente animada e faladora, e então fomos para casa.

Essa foi a primeira vez que a vi exibir qualquer sintoma definido daquela saúde delicada de que sua mãe havia falado. Também foi a primeira vez que a vi exibir aquele temperamento.

Ambos desapareceram como uma nuvem no verão, e somente uma vez depois daquilo eu testemunhei um sinal momentâneo de fúria por parte dela. Vou contar como aconteceu.

Ela e eu estávamos olhando por uma das grandes janelas da sala de estar, quando entrou no pátio, pela ponte levadiça, a figura de um andarilho que eu conhecia muito bem. Ele costumava visitar o *schloss*, geralmente duas vezes por ano.

Era a figura de um corcunda, com as feições agudas e magras que geralmente acompanham a deformidade. Ele tinha uma barba negra pontuda, e sorria de orelha a orelha, mostrando os dentes brancos. Usava roupas castanhas, pretas e escarlates, cruzadas por mais tiras e cintos do que eu poderia contar, nos quais estavam pendurados todo o tipo de coisas. Nas costas, ele levava uma lanterna mágica, e duas caixas, que eu conhecia bem. Em uma delas ele levava uma salamandra, e na outra uma mandrágora. Aqueles monstros costumavam fazer meu pai rir. Eram compostos por partes de macacos, papagaios, esquilos, peixes e ouriços, secos e costurados com grande cuidado, e causavam um efeito assustador. Ele tinha uma rabeca, uma caixa com instrumentos para invocar espíritos, um par de lâminas e máscaras presas ao cinto, e muitas outras caixas misteriosas penduradas ao seu redor. Na mão ele levava um cajado negro, com anéis de cobre. Seu companheiro era um cachorro vadio de aparência grosseira, que seguia logo atrás dele, mas parou, desconfiado, na ponte levadiça, e logo começou a uivar funestamente.

Enquanto isso, o charlatão, de pé no meio do pátio, tirou o chapéu

grotesco e inclinou-se cerimoniosamente para nós, prestando seus respeitos fluentemente em um francês execrável, e em um alemão não muito melhor.

Então, pegando a rabeca, ele começou a tocar uma melodia animada, que cantou alegre, mas desafinadamente, dançando com ares burlescos, que me fizeram rir, apesar dos uivos do cachorro.

Ele então avançou para a janela, com muitos sorrisos e saudações, com o chapéu na mão esquerda, a rabeca sob o braço, e falando sem parar para respirar, fez uma longa propaganda de todas suas realizações, e dos recursos das muitas artes que colocava a nosso serviço, e das curiosidades e diversões que estavam sob seu poder exibir, a uma ordem nossa.

– As senhoras devem desejar comprar um amuleto contra o *oupire* ^[1], que está atacando essas florestas como um lobo – ele disse, derrubando o chapéu no pavimento. – As pessoas estão morrendo a torto e a direito e eis aqui um amuleto que nunca falha; é só prendê-lo ao travesseiro, e as senhoras poderão rir do monstro.

Aqueles amuletos consistiam de pedaços oblongos de pergaminho, cobertos de símbolos e diagramas cabalísticos.

Carmilla comprou um imediatamente, e eu também.

Ele estava olhando para cima, e estávamos sorrindo para ele, divertidas; pelo menos, posso dizer que eu estava. Enquanto olhava para nossos rostos, seu olhar penetrante pareceu detectar algo que chamou sua atenção. Logo ele desenrolou um estojo de couro, cheio de todo tipo de estranhos pequenos instrumentos de aço.

– Veja, minha senhora – ele disse, exibindo-os, e, se dirigindo a mim – eu pratico, entre outras coisas menos úteis, a profissão de dentista. Que a praga leve esse cachorro! – ele disse. – Silêncio, animal! Ele uiva tanto que as senhoras mal podem ouvir uma palavra. Sua nobre amiga, a jovem dama à sua direita, tem dentes muito afiados, longos, finos e pontudos, como um furador, como uma agulha, há, há! Com meu olhar agudo, eu olho para cima, e os vejo distintamente. Agora, se por acaso eles ferirem a jovem senhora, e eu creio que devem fazê-lo, aqui estou eu, minha lima, meu punção, meus alicates. Posso deixá-los arredondados e sem corte, se a senhora desejar. Não mais os dentes de um peixe, mas os de uma linda jovem senhora como devem ser. Hã? A jovem dama está descontente? Fui ousado demais? Eu a ofendi?

Carmilla, de fato, parecia furiosa quando se afastou da janela.

– Como aquele charlatão ousa nos insultar assim? Onde está seu pai? Devo exigir uma reparação dele. Meu pai faria que aquele patife fosse amarrado e chicoteado, e queimado até os ossos com um ferro de marcar gado!

Ela se afastou um ou dois passos da janela, sentou-se, e mal havia perdido de vista seu ofensor quando sua fúria cedeu tão subitamente quanto havia surgido, seu rosto recuperou gradualmente seu tom de costume, e ela pareceu esquecer o pequeno corcunda e suas tolices.

Meu pai estava muito desanimado aquela noite. Ao entrar, ele nos disse que havia ocorrido outro caso muito similar aos dois casos fatais que haviam ocorrido recentemente. A irmã de um jovem camponês da propriedade, a apenas uma milha de distância, estava muito doente e fora, como descreveu, atacada de modo muito parecido e estava agora definhando lenta, mas constantemente.

– Tudo isso – disse meu pai – é perfeitamente explicável por causas naturais. Essas pobres pessoas infectam uma à outra com suas superstições, e repetem em suas imaginações as imagens de terror que flagelaram seus vizinhos.

– Mas essa circunstância é, por si só, horrivelmente assustadora – disse Carmilla.

– Como assim? – perguntou meu pai.

– Tenho muito medo de imaginar ver coisas assim. Creio que seria tão ruim quanto a realidade.

– Estamos nas mãos de Deus: nada pode acontecer sem sua permissão, e tudo acabará bem para aqueles que o amam. Ele é nosso fiel criador. Ele nos criou a todos, e irá cuidar de nós.

– Criador! *Natureza!* – disse a jovem dama em resposta ao meu gentil pai. – E essa doença que invade o campo é natural. Natureza. Todas as coisas vêm da Natureza, não? Todas as coisas nos céus, na terra e sob ela agem e vivem como a Natureza ordena? Eu acredito que sim.

– O doutor disse que viria hoje – disse meu pai, depois de uma pausa. – Quero saber o que ele pensa disso, e o que acha que deveríamos fazer.

– Os médicos nunca me fizeram nada de bom – disse Carmilla.

– Então você esteve doente? – perguntei.

– Mais doente do que você jamais ficou – ela respondeu.

– Há muito tempo?

– Sim, há muito tempo. Eu sofri dessa mesma doença, mas não me lembro de nada além da dor e da fraqueza, e estas não eram tão ruins quanto as que se sofre em outras doenças.

– Então você era muito jovem?

– Ouso pedir que não falemos mais sobre isso. Você não gostaria de magoar uma amiga?

Ela me olhou languidamente nos olhos, e colocou o braço ao redor da minha cintura, carinhosamente, e me levou para fora da sala. Meu pai estava ocupado com alguns papéis perto da janela.

– Por que seu pai gosta de nos assustar? – disse a linda moça com um suspiro e um leve estremelecimento.

– Ele não gosta, querida Carmilla. Não há nada mais longe de sua mente.

– Está com medo, querida?

– Eu teria muito medo se achasse que havia qualquer perigo real de ser atacada como aquelas pobres pessoas.

– Você tem medo de morrer?

– Sim, todos têm.

– Mas morrer como os apaixonados... morrer juntos, para que possam viver para sempre. Moças são lagartas enquanto vivem no mundo, para finalmente se tornarem borboletas quando chega o verão. Mas, enquanto isso, há vermes e larvas, não entende... cada um com suas propensões, necessidades e estrutura peculiares. Assim diz Monsieur Buffon em seu grande livro na sala ao lado.

Mais tarde, naquele dia, o médico chegou, e ficou fechado com Papai por algum tempo.

Ele era um homem habilidoso, com mais de sessenta anos, usava pó e

barbeava o rosto pálido até ficar liso como uma abóbora. Ele e papai saíram juntos da sala, e ouvi papai rir e dizer enquanto saíam:

– Bem, fico surpreso com um homem sensato como você. O que me diz de hipogrifos e dragões?

O médico estava sorrindo, e respondeu, balançando a cabeça.

– Mesmo assim, a vida e a morte são estados misteriosos, e sabemos pouco dos recursos de ambos.

Eles continuaram andando, e eu não pude ouvir mais nada. Eu não sabia então do que o médico estava falando, mas acho que agora sei.

Uma semelhança notável

Naquela tarde, chegou de Gratz o filho do restaurador de quadros, grave e de rosto escuro, com um cavalo e carro carregado com duas grandes caixas cheias de quadros. Era uma viagem de dez léguas, e costumávamos formar uma multidão no *hall* sempre que um mensageiro da pequena capital de Gratz chegava ao *schloss*.

Sua chegada causou grande sensação na nossa isolada residência. As caixas continuaram no *hall*, e os criados tomaram conta do mensageiro até ele comer seu jantar. Então, com assistentes, e armado com um martelo, cinzel e chave de fendas, ele nos encontrou no *hall*, onde havíamos nos reunido para testemunhar a abertura das caixas.

Carmilla sentou-se, assistindo com indiferença enquanto, uma após a outra, as velhas pinturas que haviam passado pelo processo de renovação, quase todas retratos, eram trazidas à luz. Minha mãe era de uma velha família húngara, e a maioria daqueles quadros, que estavam prestes a serem restaurados a seus lugares, havia sido herdada dela.

Meu pai tinha uma lista, que lia enquanto o artista procurava pelos números correspondentes. Não sei se os quadros eram muito bons, mas eram, sem dúvida, muito velhos, e alguns deles também eram muito curiosos. Posso dizer que tinham o mérito de agora serem vistos por mim pela primeira vez, pois a fumaça e poeira do tempo os haviam quase destruído.

– Há um quadro que não vi ainda – disse meu pai. – No canto superior está o nome, pelo que pude ler, “Marcia Karnstein”, e a data de “1698”. Estou curioso para ver como ele ficou.

Eu me lembrava dele; era um quadro pequeno, com cerca de um pé e meio de altura, quase quadrado, sem moldura, mas estava tão escurecido pela idade que eu não podia distinguir nada nele.

O artista o mostrou, com orgulho evidente. Era muito bonito; era surpreendente, parecia estar vivo. Era o retrato de Carmilla!

– Carmilla, querida, eis aqui um verdadeiro milagre. Aqui está você, viva, sorridente, prestes a falar, neste retrato. Não é lindo, Papai? E veja, até mesmo o pequeno sinal no pescoço.

Meu pai riu, e disse que certamente era uma semelhança incrível. Mas, para minha surpresa, pareceu pouco impressionado, afastou o olhar, e continuou a falar com o restaurador de quadros, que era também um pouco artista, e discursou com inteligência sobre os retratos e outros trabalhos, que sua arte havia restaurado a luz e a cor, enquanto eu ficava mais maravilhada quanto mais olhava o quadro.

– Posso pendurar esse quadro em meu quarto, Papai? – pedi.

– Certamente, querida – ele disse, sorrindo – Fico muito feliz por você achá-lo tão parecido. Ele deve ser ainda mais bonito do que eu imaginava, se for mesmo tão parecido.

Carmilla não manifestou apreço por este belo discurso, e nem mesmo pareceu ouvi-lo. Ela estava inclinada em sua cadeira, seus belos olhos me observavam contemplativamente sob os longos cílios, e sorriu com arrebatamento.

E agora era possível ler claramente o nome escrito no canto. Não era “Marcia”; parecia ter sido escrito em ouro. O nome era “Mircalla, condessa de Karnstein”, e havia um pequeno diadema com o ano de 1698. Eu sou descendente dos Karnsteins; ou melhor, minha mãe era.

– Ah! – disse Carmilla, languidamente – eu também, acredito, sou uma descendente muito afastada, muito antiga. Há Karnsteins vivos hoje?

– Ninguém que carregue o nome, acredito. A família foi arruinada, creio, em algumas guerras civis, muito tempo atrás, mas as ruínas do castelo ficam a cerca de três milhas de distância.

– Que interessante! – ela disse, languidamente. – Mas vejam que lindo luar! – Ela olhou pela porta do *hall*, que estava entreaberta. – Poderíamos dar um pequeno passeio pelo pátio, e olhar para a estrada e o rio.

– É tão parecida com a noite em que você chegou – eu disse.

Ela suspirou, sorrindo.

Ela se levantou, e com os braços em volta da cintura uma da outra, saímos para o pavimento.

Lenta e silenciosamente, caminhamos pela ponte levadiça, onde a linda paisagem se abria à nossa frente.

– Então você estava pensando na noite em que cheguei? – ela quase sussurrou. – Está feliz por eu estar aqui?

– Deleitada, querida Carmilla – respondi.

– E pediu o quadro que achou tão parecido comigo para pendurar em seu quarto – ela murmurou com um suspiro, enquanto apertava minha cintura com o braço, e colocou a linda cabeça no meu ombro.

– Como você é romântica, Carmilla – eu disse. – Quando quer que me conte sua história, ela será composta principalmente por um grande romance.

Ela beijou-me, silenciosamente.

– Tenho certeza, Carmilla, que você já esteve apaixonada; que neste momento há um assunto do coração em andamento.

– Nunca amei ninguém, nem nunca amarei – ela sussurrou – a menos que seja você.

Como ela estava linda sob a luz do luar!

Foi tímido e estranho o olhar com que ela escondeu o rosto no meu pescoço e cabelos, com suspiros tumultuados, que quase pareciam soluços. Ela apertou minha mão, trêmula.

Seu rosto macio estava brilhando contra o meu. – Querida, querida – ela murmurou. – Eu vivo em você, e você morreria por mim, porque a amo tanto.

Afastei-me dela.

Ela estava olhando para mim com olhos que haviam perdido todo o fogo e significado, e com um rosto apático e sem cor.

– O ar está frio, querida? – ela disse, sonolentemente. – Estou quase tremendo; estive sonhando? Vamos entrar. Venha, venha, vamos entrar.

– Você parece doente, Carmilla, um pouco fraca. Você deve beber um pouco de vinho – eu disse.

– Sim. Farei isso. Estou melhor agora. Devo estar bem em alguns minutos. Sim, dê-me um pouco de vinho – respondeu Carmilla quando nos aproximamos da porta. – Vamos olhar de novo por um momento; talvez essa seja

a última vez que verei a luz da lua com você.

– Como se sente agora, querida Carmilla? Está realmente melhor? – perguntei.

Eu estava começando a ficar alarmada, pois ela parecia ter sido tomada pela estranha epidemia que havia invadido os campos ao nosso redor.

– Papai ficaria muito aflito – acrescentei – se achasse que você estivesse mesmo que só um pouco doente sem nos dizer imediatamente. Temos um médico muito habilidoso aqui perto, aquele que estava com papai hoje.

– Tenho certeza que sim. Sei como todos vocês são gentis; mas, minha querida criança, já estou bem novamente. Não há nada de errado comigo, além de um pouco de fraqueza. As pessoas dizem que sou lânguida; incapaz de me esforçar; mal posso andar a mesma distância que uma criança de três anos: e, ocasionalmente, a pouca força que tenho me falta, e fico como você viu. Mas depois me recupero facilmente; em um momento sou eu mesma de novo. Veja como me recuperei.

E de fato, ela se recuperara; nós conversamos muito, e ela estava muito animada; o resto da noite se passou sem nenhuma ocorrência do que chamo de “suas paixões”. Com isso quero dizer sua conversa e olhares estranhos, que me embaraçavam, e até mesmo assustavam.

Mas naquela noite ocorreu um evento que colocou meus pensamentos em uma nova direção, e que pareceu até mesmo transformar a natureza lânguida de Carmilla em uma energia momentânea.

VI

Uma estranha agonia

Quando chegamos à sala de estar, e havíamos nos sentado com nosso café e chocolate, embora Carmilla não tomasse nenhum dos dois, ela pareceu ser ela mesma novamente. Madame e Mademoiselle De Lafontaine se juntaram a nós, e jogamos uma partida de cartas, durante a qual papai veio para o que ele chamava seu “prato de chá”.

Quando o jogo acabou, ele se sentou ao lado de Carmilla no sofá, e perguntou, um pouco ansiosamente, se ela tivera notícias de sua mãe desde que chegara.

Ela respondeu que não.

Ele então perguntou se ela sabia onde uma carta poderia encontrar sua mãe naquele momento.

– Não posso dizer – ela respondeu, ambigualmente – mas tenho pensando em deixá-los; vocês já foram hospitaleiros e gentis demais para mim. Causei problemas demais para vocês, e gostaria de tomar uma carruagem amanhã, e ir em busca dela; sei onde a encontrarei, embora não ouse dizer-lhe.

– Mas você não deve nem mesmo sonhar com isso – exclamou meu pai, para grande alívio meu. – Não podemos perdê-la assim, e não consentirei com sua partida, exceto sob os cuidados de sua mãe, que foi gentil em consentir que ficasse conosco até que retornasse. Eu ficaria muito feliz em saber que teve notícias dela: mas esta manhã os relatos do progresso da misteriosa doença que invadiu nossa região ficaram ainda mais alarmantes; e, minha linda hóspede, eu sinto o peso da responsabilidade, sem o conselho de sua mãe. Mas farei o melhor; e uma coisa é certa, que você não deve pensar em nos deixar sem instruções claras da parte dela para tanto. Sofreríamos muito por nos separar de você para consentir tão facilmente com isso.

– Obrigada, senhor, mil vezes obrigada por sua hospitalidade – ela respondeu, sorrindo timidamente. – Todos vocês têm sido muito bons para mim; poucas vezes antes fui tão feliz quanto em seu lindo *chateau*, sob seus cuidados e na companhia de sua querida filha.

Então, com seus modos antiquados, ele beijou galantemente sua mão, sorrindo, contente com seu discurso.

Acompanhei Carmilla até seu quarto, como de costume, e me sentei e conversei enquanto ela se preparava para dormir.

– Você acha – disse depois de um longo tempo – que algum dia vai confiar totalmente em mim?

Ela se voltou, sorrindo, mas não respondeu, só continuou a sorrir para mim.

– Não vai responder? – perguntei. – Você não pode me dar uma resposta agradável; eu não deveria ter perguntado.

– Você tinha toda a razão em me perguntar isso, ou qualquer outra coisa. Você não sabe como é querida para mim, ou não acharia que qualquer tipo de confiança seria demais para pedir. Mas estou sob juramento, e não ousou contar minha história ainda, nem mesmo para você. O momento em que você saberá de tudo está muito próximo. Você vai me achar cruel e egoísta, mas o amor é sempre egoísta; quanto mais ardente, mais egoísta. Você não pode fazer ideia de como sou ciumenta. Você deve ficar comigo, me amando, até a morte; ou me odiar e mesmo assim ficar comigo, e me *odiar* através da morte e além. Não existe uma palavra como "indiferença" na minha natureza apática.

– Ora, Carmilla, você vai começar com suas bobagens de novo – eu disse, apressadamente.

– Não eu, pequena tola que sou, cheia de caprichos e vontades; pelo seu bem, falarei como uma sábia. Já estive em um baile?

– Não. Como é? Deve ser encantador.

– Mal me lembro, foram anos atrás.

Eu ri.

– Você não é tão velha. Não pode já ter se esquecido do seu primeiro baile.

– Lembro-me de tudo sobre ele, com esforço. Eu vejo tudo, como os mergulhadores veem o que está acontecendo acima deles, através de um meio denso, ondulado, porém transparente. O que ocorreu aquela noite confundiu a imagem, e tornou suas cores opacas. Quase fui assassinada em minha cama, fui ferida aqui – ela apontou o seio – e nunca fui a mesma depois daquilo.

– Você quase morreu?

– Sim, foi um amor muito estranho, muito cruel, que teria tirado minha vida. O amor deve receber seus sacrifícios. Não há sacrifício sem sangue. Vamos dormir agora, sinto-me tão sonolenta. Como posso levantar-me e trancar a porta agora?

Ela estava deitada, com as pequenas mãos enterradas no farto cabelo ondulado, sob o rosto, a cabecinha sobre o travesseiro, e seus olhos brilhantes me seguiam para onde quer que eu fosse, com um tipo de sorriso tímido que eu não conseguia decifrar.

Dei-lhe boa noite, e saí do quarto com uma sensação desconfortável.

Muitas vezes fiquei imaginando se nossa linda convidada fazia suas orações. Eu certamente nunca a vira ajoelhada. De manhã ela só descia muito depois que nossas orações familiares estavam terminadas, e à noite, nunca deixava a sala de estar para participar de nossas breves orações noturnas no salão.

Se ela não tivesse deixado escapar em uma de nossas conversas que fora batizada, eu poderia ter duvidado que fosse cristã. Religião era um assunto sobre o qual eu nunca a ouvira dizer uma palavra. Se conhecesse melhor o mundo, essa negligência ou antipatia em particular não teria me surpreendido muito.

As preocupações das pessoas nervosas são contagiosas, e pessoas de temperamento semelhante certamente começarão, depois de algum tempo, a imitá-las. Eu havia adotado o hábito de Carmilla de trancar a porta do quarto, tendo absorvido seus medos tolos sobre invasores noturnos e assassinos à espreita. Eu também havia adotado sua precaução de fazer uma rápida inspeção pelo quarto, para me satisfazer de que não havia nenhum assassino ou ladrão escondido.

Depois de tomar essas sábias medidas, deitei-me na cama e adormeci. Havia uma luz acesa no quarto. Era um hábito antigo, e nada poderia me convencer a abandoná-lo.

Assim protegida, descansei pacificamente. Mas os sonhos atravessam paredes de pedra, iluminam quartos escuros, escurecem quartos iluminados, e suas personagens entram e saem quando querem, rindo das fechaduras.

Naquela noite tive um sonho que foi o começo de uma estranha agonia.

Não posso chamá-lo pesadelo, pois estava plenamente consciente de que estava dormindo.

Mas estava igualmente consciente de estar em meu quarto, e deitada na cama, exatamente como estava na realidade. Eu vi, ou imaginei ver, o quarto e sua mobília exatamente como estavam antes, exceto que estava muito escuro, e vi algo se mover perto do pé da cama, que de início não pude distinguir com precisão. Mas logo vi que era um animal negro como carvão, que lembrava um gato monstruoso. Ele me parecia ter quatro ou cinco pés de comprimento, pois cobriu inteiramente o comprimento do tapete da lareira quando passou por ele, e continuou avançando e recuando com o nervosismo ágil e sinistro de um animal enjaulado. Eu não podia gritar, embora, como devem imaginar, estivesse aterrorizada. Seu passo estava ficando mais rápido, e a sala ficava rapidamente mais e mais escura, e, afinal, ficou tão escura que eu não podia ver nada além de seus olhos. Eu o senti saltar levemente sobre a cama. Os dois grandes olhos se aproximaram do meu rosto, e senti repentinamente uma dor aguda, como se duas agulhas penetrassem profundamente em meu seio, afastadas uma ou duas polegadas. Acordei com um grito. O quarto estava iluminado pela vela que queimava ali a noite toda, e vi uma figura feminina de pé perto da cama, um pouco para a direita. Ela usava um vestido preto folgado, e seu cabelo estava solto e cobria os ombros. Um bloco de pedra não poderia ficar mais imóvel. Não havia o mais leve sinal de respiração. Enquanto eu olhava para ela, a figura pareceu mudar de lugar, e estava agora mais perto da porta; então, muito perto dela; a porta se abriu, e ela saiu.

Fiquei aliviada, e fui capaz de respirar e me mover. Meu primeiro pensamento foi que Carmilla estivesse me pregando uma peça, e que eu havia me esquecido de trancar a porta. Corri para ela, e descobri que estava trancada por dentro, como de costume. Fiquei com medo de abri-la. Estava horrorizada. Pulei para a cama e cobri a cabeça com os lençóis, e fiquei ali, mais morta do que viva, até de manhã.

VII

Queda

Seria em vão tentar explicar o horror com que, mesmo hoje, me recordo do que aconteceu aquela noite. Não foi um terror transitório, como o que um sonho deixa atrás de si. Ele pareceu aumentar com o tempo, comunicou-se para o quarto e para a própria mobília que cercara a aparição.

No dia seguinte, não pude suportar ficar sozinha nem por um momento. Eu devia ter contado a Papai, por dois motivos opostos. Por um lado, achei que ele riria da minha história, e não poderia suportar ser tratada como uma piada; e por outro, achei que ele poderia pensar que eu fora atacada pela misteriosa doença que invadira nossa região. Eu mesma não tinha tais ilusões, mas como fazia algum tempo que ele era quase um inválido, tive medo de alarmá-lo.

Eu estava bastante confortável com minhas gentis acompanhantes, Madame Perrodon e a vivaz Mademoiselle De Lafontaine. As duas perceberam que eu estava nervosa, e contei a elas o que pesava em meu coração.

Mademoiselle riu, mas achei que Madame Perrodon pareceu preocupada.

– A propósito – disse Mademoiselle, rindo – o caminho das limeiras, atrás da janela do quarto de Carmilla, está assombrado!

– Bobagem! – exclamou Madame, que provavelmente achava o tema bastante inoportuno – quem contou essa história, minha querida?

– Martin disse que veio até aqui duas vezes antes do amanhecer, quando o velho portão do jardim estava sendo consertado, e duas vezes viu uma figura feminina andando pela avenida das limeiras.

– E deveria mesmo, enquanto houver vacas para ordenhar nos campos do rio – disse Madame.

– Me arrisco a dizer que sim; mas Martin escolheu ficar assustado, e nunca vi um tolo mais amedrontado.

– Você não deve dizer uma palavra sobre isso a Carmilla, porque ela pode ver aquele caminho da janela do seu quarto – intervi – e ela é, se isso for possível, mais covarde do que eu.

Aquele dia, Carmilla desceu do quarto bem mais tarde que de costume.

– Fiquei tão assustada noite passada – ela disse, assim que estávamos juntas – e tenho certeza que teria visto algo horrível se não fosse por aquele amuleto que comprei daquele pobre corcunda que chamei de nomes tão horríveis. Sonhei com algo preto ao redor da minha cama, e acordei completamente horrorizada, e realmente pensei, por alguns segundos, que vi uma figura negra perto da lareira, mas tateei sob o travesseiro, buscando o amuleto, e no momento que meus dedos o tocaram, a figura desapareceu, e tive certeza que se não o tivesse comigo, algo assustador teria aparecido, e, talvez, me atacado, como aconteceu com aquelas pobres pessoas de que ouvimos falar.

– Bem, ouça-me – comecei, e contei minha aventura, e ela pareceu horrorizada em ouvi-la.

– E você tinha o amuleto com você? – ela perguntou, ansiosa.

– Não, eu o coloquei em um vaso de porcelana na sala de estar, mas certamente o levarei comigo esta noite, já que você tem tanta fé nele.

Depois de tanto tempo, não posso dizer, ou mesmo compreender, como superei meu horror ao ponto de poder dormir sozinha no meu quarto aquela noite. Lembro-me distintamente de prender o amuleto no travesseiro. Adormeci quase imediatamente, e dormi ainda mais profundamente que o usual, a noite toda.

Passei a noite seguinte do mesmo modo. Meu sono foi deliciosamente profundo e sem sonhos.

Porém, acordei com uma sensação de lassitude e melancolia, que, entretanto, não ultrapassava um grau que era quase luxurioso.

– Bem, eu lhe disse – disse Carmilla, quando descrevi meu sono tranquilo – Eu mesma dormi deliciosamente noite passada; prendi o amuleto ao peito da minha camisola. Eu estava muito longe noite passada. Tenho certeza que foi tudo imaginação, exceto os sonhos. Eu costumava achar que os espíritos malignos criavam os sonhos, mas nosso velho médico disse que não era assim. Só uma febre passageira, ou algum outro desconforto, ele disse, bate à porta, e não sendo capaz de entrar, vai embora, deixando aquele alarme.

– E o que você acha que é o amuleto? – perguntei.

– Ele foi fumigado ou imerso em alguma droga, e é um antídoto contra a malária – ela respondeu.

– Então ele age somente no corpo?

– Certamente; você não supõe que os espíritos do mal tenham medo de pedaços de fita, ou dos perfumes da loja de um droguista? Não, essas aflições, vagando pelo ar, começam afetando os nervos, e então infectam o cérebro, mas antes que possam tomá-la, o antídoto as repele. Tenho certeza de que foi isso que o amuleto fez por nós. Não é nada mágico, é simplesmente natural.

Eu teria ficado mais satisfeita se pudesse ter concordado de verdade com Carmilla, mas fiz o melhor que pude, e a impressão perdeu parte de sua força.

Por algumas noites dormi profundamente; mas mesmo assim, sentia todas as manhãs a mesma lassitude, e era dominava o dia todo pela languidez. Eu me sentia mudada. Uma estranha melancolia estava me dominando, uma melancolia que eu não podia interromper. Comecei a ter vagos pensamentos sobre a morte, e a sensação de que eu estava afundando, não de todo indesejável, tomou posse lentamente de mim. Se era triste, o estado de espírito que ela introduzia era também doce.

O que quer que fosse, minha alma a aceitava.

Eu não admitia estar doente, não consentiria em contar a papai, ou chamar o médico.

Carmilla tornou-se mais devota a mim do que nunca, e seus estranhos paroxismos de lânguida adoração ficaram mais frequentes. Ela se apegava a mim com cada vez mais ardor conforme minha força e ânimo desapareciam. Isso sempre me chocou, como um vislumbre momentâneo de insanidade.

Sem saber, eu estava agora em um estado bastante avançado da mais estranha doença que um mortal jamais sofreu. Havia um fascínio estranho naqueles primeiros sintomas que mais do que me reconciliaram com o efeito incapacitante daquele estágio da doença. A fascinação aumentou por algum tempo, até atingir certo ponto, em que, gradualmente, uma sensação do horrível se misturou a ela, aprofundando-se até que descoloriu e perverteu todo o estado de minha vida.

A primeira mudança que experimentei foi bastante agradável. Ela aconteceu perto do ponto de transição que iniciou a queda de Avernus.

Certas sensações vagas e estranhas me visitavam em meu sono. A prevalente era a de um agradável e peculiar arrepio de frio, como a que sentimos quando nadamos e nos movemos contra a correnteza de um rio. Ela logo

foi acompanhada de sonhos que pareciam intermináveis, e eram tão vagos que eu nunca podia lembrar-me de seus cenários e personagens, ou nenhuma parte conexa de suas ações. Mas eles deixavam uma terrível impressão, e uma sensação de exaustão, como se eu tivesse passado por um longo período de esforço e perigo mental.

Depois de todos esses sonhos, permanecia na vigília a lembrança de eu estar em um local muito escuro, e de falar com pessoas que não podia ver; e especialmente de uma voz clara, feminina, muito profunda, que soava como se estivesse muito distante, lentamente, e produzindo sempre a mesma sensação de indescritível solenidade e medo. Às vezes, tinha a sensação de que uma mão corria suavemente ao longo de meu rosto e pescoço. Às vezes era como se lábios tédidos me beijassem, mais demoradamente e mais carinhosamente quanto mais se aproximavam da minha garganta, mas ali as carícias paravam. Meu coração batia mais rápido, minha respiração ficava mais rápida; um soluço, que se transformava em uma sensação de estrangulamento, e então se tornava uma terrível convulsão, na qual meus sentidos me abandonavam e eu ficava inconsciente.

Fazia agora três semanas que este estado inexplicável havia começado.

Meus sofrimentos haviam, na última semana, marcado minha aparência. Eu havia ficado pálida, meus olhos estavam dilatados e com olheiras, e a languidez que eu há muito sentia começou a se mostrar em minha fisionomia.

Meu pai me perguntava com frequência se eu estava doente; mas, com uma obstinação que hoje me parece inexplicável, insisti em garantir que estava muito bem.

De certa forma, isso era verdade. Eu não sentia nenhuma dor, não podia reclamar de nenhum mal estar físico. Minha aflição me parecia imaginária, ou nervosa, e, horríveis como eram meus sofrimentos, eu os mantive, com mórbida reserva, para mim mesma.

Não podia ser aquela terrível aflição que os camponeses chamavam *oupire*, pois eu estava sofrendo já há três semanas, e eles raramente ficavam doentes por muito mais de três dias quando a morte punha um fim ao seu sofrimento.

Carmilla reclamou de sonhos e sensações de febre, mas de modo algum de um tipo tão alarmante quanto os meus. Afirmando que os meus eram extremamente alarmantes. Se eu fosse capaz de compreender minha condição, teria pedido de joelhos por ajuda e conselhos. O narcótico de uma influência

insuspeita estava agindo sobre mim, e minhas percepções estavam entorpecidas.

Vou contar agora um sonho que levou imediatamente a uma estranha descoberta.

Uma noite, em vez da voz que eu estava acostumada a ouvir na escuridão, ouvi outra, doce e gentil, e ao mesmo tempo terrível, que disse "Sua mãe avisa para que tenha cuidado com a assassina". Ao mesmo tempo, uma luz surgiu inesperadamente, e vi Carmilla, de pé, perto do pé da minha cama, em sua camisola branca, banhada do queixo até os pés em uma grande mancha de sangue.

Acordei com um grito, possuída pela ideia de que Carmilla estava sendo assassinada. Lembro-me de pular da cama, e minha lembrança seguinte é a de estar de pé no corredor, gritando por ajuda.

Madame e Mademoiselle saíram correndo, alarmadas, de seus quartos; uma lâmpada estava sempre acesa do corredor, e ao me ver, logo entenderam a causa de meu terror.

Insisti em bater na porta de Carmilla. Ninguém respondeu às nossas batidas.

Logo começamos a bater mais forte. Gritamos seu nome, mas foi tudo em vão.

Ficamos todas assustadas, pois a porta estava fechada. Corremos de volta, em pânico, para meu quarto. Lá, tocamos o sino longa e furiosamente. Se o quarto de meu pai fosse daquele lado da casa, o teríamos chamado imediatamente para nos ajudar. Mas, infelizmente, ele estava longe demais para ouvir, e chegar até ele envolvia uma excursão para a qual nenhuma de nós tinha coragem.

Os criados, entretanto, logo subiram correndo as escadas; enquanto isso, eu havia vestido meu roupão e chinelos, e minhas companheiras estavam igualmente trajadas. Reconhecendo as vozes dos criados no corredor, saímos juntas; e depois de bater novamente na porta de Carmilla, igualmente sem sucesso, ordenei que os homens forçassem a porta. Eles fizeram isto, e da porta, segurando as velas no alto, olhamos para dentro do quarto.

Chamamos seu nome, mas não houve resposta. Olhamos por todo o quarto. Tudo estava intocado. O quarto estava exatamente no estado que estava quando lhe desejei boa noite. Mas Carmilla havia desaparecido.

VIII

Busca

À vista do quarto perfeitamente intocado, exceto por nossa entrada violenta, começamos a nos acalmar um pouco, e logo recuperamos nossos sentidos o bastante para dispensar os homens. Havia ocorrido a Mademoiselle que Carmilla possivelmente havia sido acordada pelo barulho à sua porta, e, em pânico, havia saltado da cama e se escondido dentro de um móvel, ou atrás de uma cortina, de onde não podia emergir até que o mordomo e seus auxiliares houvessem se retirado. Recomeçamos então nossa busca, e começamos a chamá-la de novo pelo nome.

Foi tudo em vão. Nossa perplexidade e agitação aumentaram. Examinamos as janelas, mas elas estavam trancadas. Implorei para que Carmilla, se estivesse escondida, não jogasse mais aquele jogo cruel – que saísse e acabasse com nossa ansiedade. Foi tudo inútil. Naquele momento me convenci que ela não estava no quarto, nem na sala de vestir, cuja porta estava trancada do nosso lado. Ela não podia ter passado por ela. Eu estava completamente confusa. E se Carmilla houvesse descoberto uma daquelas passagens secretas que o velho caseiro dizia existirem no *schloss*, embora o conhecimento da sua localização exata tivesse sido perdido? O tempo, sem dúvida, explicaria tudo, por mais completamente perplexas que estivéssemos naquele momento.

Eram mais de quatro horas, e preferi passar as horas restantes de escuridão no quarto de Madame. O dia não trouxe nenhuma solução para nosso problema.

Todos os habitantes da casa, liderados por meu pai, estavam procurando na manhã seguinte. Todas as partes do *chateau* fora vasculhadas. O terreno foi explorado. Nenhum traço da jovem desaparecida foi descoberto. Estávamos prestes a dragar o riacho; meu pai estava perturbado; que história ele teria que contar à mãe da pobre moça quando retornasse! Eu, também, estava quase fora de mim, embora meu pesar fosse de tipo diferente.

Passamos a manhã alarmados e nervosos. Era agora uma da tarde, e ainda não havia notícias. Corri para o quarto de Carmilla, e a encontrei de pé ao lado da cômoda. Eu estava estupefata. Não podia acreditar em meus olhos. Ela me chamou para perto de si em silêncio, com um gesto. Seu rosto expressava um medo extremo.

Corri para ela, extasiada de alegria, beijei e abracei-a repetidamente. Corri para a sineta a toquei veementemente, para trazer os outros para o local, para aliviar imediatamente a ansiedade de meu pai.

– Querida Carmilla, onde esteve todo esse tempo? Estávamos agonizando por sua causa – exclamei. – Onde esteve? Como voltou?

– A noite passada foi cheia de coisas estranhas – ela disse.

– Por piedade, explique o que puder.

– Eram mais de duas horas – ela disse – quando fui dormir como de costume em minha cama, com as portas trancadas, a da sala de vestir e a que se abre para a galeria. Meu sono não foi interrompido, e, até onde posso dizer, sem sonhos; mas acabo de acordar no sofá da sala de vestir, e vi que a porta entre os quartos estava aberta, e a outra foi forçada. Como tudo isso poderia ter acontecido sem que eu acordasse? Deve ter havido muito barulho quando isso aconteceu, e eu acordo com particular facilidade; e como eu poderia ser carregada da cama sem que meu sono fosse interrompido, eu, que me assusto com a menor perturbação?

Então, Madame, Mademoiselle, meu pai e muitos criados chegaram ao quarto. Carmilla foi, é claro, soterrada por perguntas, congratulações e boas vindas. Ela tinha apenas uma história para contar, e parecia ser a menos capaz, entre todos, de sugerir um modo de explicar o que havia acontecido.

Meu pai andou de um lado para outro, pensativo. Vi os olhos de Carmilla seguindo-o por um momento, com um olhar sombrio e astuto.

Quando meu pai mandou os criados sair, e Mademoiselle foi buscar uma pequena garrafa de valeriana e sal volátil, e não havia ninguém no quarto com Carmilla, exceto meu pai, Madame e eu mesma, ele se aproximou dela pensativo, tomou sua mão gentilmente, levou-a até o sofá e sentou-se ao lado dela.

– Você me perdoará, minha querida, se eu arriscar uma conjectura e fizer uma pergunta?

– Quem poderia ter mais direito? – ela disse. – Pergunte o que quiser, e eu lhe direi tudo. Mas minha história é uma de espanto e escuridão. Não sei de absolutamente nada. Faça qualquer pergunta que quiser, mas o senhor sabe, é claro, das limitações que Mamãe me impôs.

– Perfeitamente, cara criança. Não preciso abordar os tópicos sobre os quais ela deseja silêncio. Agora, o mistério da noite passada consiste em você ter sido removida de sua cama e do quarto, sem ser despertada, e dessa remoção ter aparentemente acontecido enquanto as janelas ainda estavam fechadas, e as duas portas trancadas por dentro. Vou dizer minha teoria e fazer uma pergunta.

Carmilla estava apoiada na mão, parecendo abatida; Madame e eu ouvíamos sem respirar.

– Agora, minha pergunta é a seguinte. Alguma vez se suspeitou que você fosse sonâmbula?

– Não, desde que eu era realmente muito pequena.

– Mas você era sonâmbula quando pequena?

– Sim, eu sei que era. Minha velha babá me disse isso muitas vezes.

Meu pai sorriu e assentiu.

– Bem, eis o que aconteceu. Você se levantou enquanto dormia, destrancou a porta, sem deixar a chave, como de costume, na fechadura, mas levando-a consigo e trancando a porta pelo outro lado; você pegou a chave de novo, e a levou com você para um dos vinte e cinco quartos desse andar, ou talvez para um andar acima ou abaixo. Há tantos quartos e armários, tantos móveis pesados e tantos depósitos de madeira que seria preciso uma semana para vasculhar toda a casa. Vê agora o que quero dizer?

– Sim, mas não completamente – ela respondeu.

– E como, Papai, explica ela se encontrar no sofá da sala de vestir, que vasculhamos com tanto cuidado?

– Ela entrou depois que vocês o vasculharam, ainda adormecida, e, finalmente, acordou espontaneamente, e ficou tão surpresa por se ver lá quanto qualquer um de nós. Gostaria que todos os mistérios fossem explicados tão fácil e inocentemente quanto o seu, Carmilla – ele disse, rindo. – E então podemos nos congratular na certeza de que a explicação mais natural do evento é uma que não envolve drogas ou arrombamento de fechaduras, nenhum ladrão, ou envenenador, ou bruxa – nada que precise fazer Carmilla, ou mais ninguém, se preocupar com nossa segurança.

Carmilla estava encantadora. Nada poderia ser mais lindo do que sua

cor. Sua beleza era, eu acho, aumentada por aquela graciosa languidez peculiar a ela. Acho que meu pai estava comparando em silêncio sua aparência com a minha, pois disse:

– Gostaria que minha pobre Laura parecesse mais consigo mesma – e suspirou.

Então nossas preocupações terminaram alegremente, e Carmilla foi devolvida a seus amigos.

IX

O médico

Como Carmilla não queria nem ouvir falar sobre ter uma criada dormindo em seu quarto, meu pai arranhou para que um criado dormisse do lado de fora do quarto, para que ela não tentasse fazer outra excursão daquele tipo sem ser impedida já na porta.

A noite passou tranquilamente, e logo cedo na manhã seguinte o médico, que meu pai havia chamado sem me dizer uma palavra, chegou para me ver.

Madame me acompanhou até a biblioteca, e lá o pequeno e grave médico de cabelos brancos e óculos, que mencionei antes, estava esperando para me ver.

Contei-lhe minha história, e conforme eu falava ele foi ficando cada vez mais grave.

Estávamos de pé, ele e eu, no recesso de uma das janelas, de frente um para o outro. Quando terminei minha história, ele se apoiou contra a parede, com os olhos fixos em mim, com um interesse no qual havia um toque de horror.

Depois de refletir um minuto, ele perguntou a Madame se podia ver meu pai.

Ele foi chamado, e quando entrou, sorrindo, disse:

– Me atrevo a dizer, doutor, que o senhor vai dizer que sou um velho tolo por tê-lo trazido aqui; espero que eu seja.

Mas seu sorriso desapareceu quando o médico, com o rosto muito grave, o chamou para perto de si.

Eles conversaram por algum tempo no mesmo recesso em que eu acabara de conferenciar com o médico. Parecia ser uma conversa séria e argumentativa. A sala era muito grande, e Madame e eu estávamos juntas, queimando de curiosidade, na extremidade oposta. Não podíamos ouvir nem uma palavra, pois eles falavam em voz muito baixa, e o profundo recesso da janela ocultava o médico, e só podíamos ver o pé, braço e ombro de meu pai; as vozes eram, suponho, ainda menos audíveis por causa da espécie de armário que a

grossa parede de pedra e a janela formavam.

Depois de algum tempo, meu pai olhou para dentro da sala. Ele estava pálido, pensativo, e, me pareceu, agitado.

– Laura, querida, venha cá por um momento. Madame, o doutor diz que não precisamos perturbá-la por enquanto.

Obedecendo, me aproximei, pela primeira vez um pouco alarmada; pois, embora me sentisse muito fraca, não me sentia doente; e a força, sempre se imagina, é algo que podemos recuperar quando quisermos.

Meu pai estendeu a mão para mim quando me aproximei, mas ele estava olhando para o doutor, e disse:

– Certamente é muito estranho; não compreendo realmente. Laura, venha cá, querida; agora, obedeça ao Doutor Spielsberg, e faça um esforço para lembrar.

– Você mencionou uma sensação como se duas agulhas perfurassem sua pele, perto do pescoço, na noite que teve seu primeiro pesadelo. A região ainda está dolorida?

– Nem um pouco – respondi.

– Você pode indicar o ponto em que acredita que isso aconteceu?

– Pouco abaixo da minha garganta, aqui – respondi.

Eu estava usando um vestido matutino, que cobria o local que eu apontava.

– Agora pode satisfazer-se – disse o médico. – Não se importará se seu pai abaixar um pouco seu vestido. É necessário, para detectar um sintoma da doença de que está sofrendo.

Concordei. Eram apenas alguns centímetros abaixo da borda da minha gola.

– Deus me abençoe! É verdade! – exclamou meu pai, empalidecendo.

– O senhor pode ver agora com seus próprios olhos – disse o médico, com um triunfo triste.

– O que é? – perguntei, começando a ficar assustada.

– Nada, minha cara jovem, além de um pequeno ponto azul, mais ou menos do tamanho da ponta do seu dedo mindinho; e agora – ele continuou, voltando-se para papai – a pergunta é: o que devemos fazer?

– Há algum perigo? – perguntei, receosa.

– Confio que não, minha cara – respondeu o médico. – Não vejo por que você não deva se recuperar. Não vejo por que você não deva começar a melhorar imediatamente. É nesse ponto que a sensação de estrangulação começa?

– Sim – respondi.

– E, lembre-se o melhor que puder, o mesmo ponto foi o centro daquela sensação que acabou de descrever, semelhante a uma corrente de água fria?

– Pode ser; creio que sim.

– Ah, vê? – ele acrescentou, voltando-se para meu pai. – Devo falar com Madame.

– Certamente – disse meu pai.

Ele chamou Madame, e disse:

– Creio que minha jovem amiga aqui está longe de estar bem. Não é nada sério, espero; mas será necessário que sejam tomadas algumas providências, que explicarei aos poucos; mas enquanto isso, Madame, a senhora deverá ter a gentileza de não deixar a Senhorita Laura sozinha nem por um momento. Essa é a única instrução que devo dar no momento. Isso é indispensável.

– Sei que podemos contar com sua gentileza, Madame – meu pai acrescentou.

Madame disse enfaticamente que sim.

– E você, querida Laura, sei que obedecerá as ordens do doutor.

– Devo pedir sua opinião sobre outra paciente, cujos sintomas lembram ligeiramente os da minha filha – muito mais leves, mas acredito que do mesmo tipo. É uma jovem, nossa convidada; mas, como o senhor disse que virá para cá novamente esta noite, deve jantar conosco, e então poderá vê-la. Ela só

se levanta à tarde.

– Agradeço – disse o médico. – Estarei com vocês, então, por volta das sete da noite.

Eles então repetiram as instruções para mim e Madame, e com isso meu pai nos deixou e acompanhou o médico; eu os vi andando de um lado para outro entre a estrada e o fosso, sobre a plataforma gramada em frente do castelo, evidentemente absortos na conversa.

O médico não voltou. Eu o vi montar seu cavalo, se despedir e cavalgar para leste através da floresta.

Quase ao mesmo tempo vi o mensageiro chegar de Dranfield com as cartas, e desmontar para entregar a bolsa para meu pai.

Enquanto isso, Madame e eu estávamos ocupadas, perdidas em conjecturas sobre as razões da singular e séria instrução que o médico e meu pai haviam concordado em impor. Madame, como ela mais tarde me contou, teve medo que o médico esperasse um ataque súbito, e que, sem pronta assistência, eu poderia perder a vida, ou, no mínimo, ficar seriamente ferida.

Não me ocorreu uma resposta; e imaginei, talvez para sorte de meus nervos, que aquilo fora ordenado simplesmente para garantir que eu tivesse uma acompanhante que me impedisse de me exercitar demais, ou comer frutas verdes, ou fazer qualquer uma das tolices a que os jovens são propensos.

Cerca de meia hora depois, meu pai entrou, com uma carta nas mãos, e disse:

– Esta carta está atrasada; é do General Spielsdorf. Ele poderia estar aqui ontem, pode não chegar até amanhã, ou pode chegar hoje.

Ele me entregou a carta aberta, mas não parecia feliz como costumava ficar quando um convidado, especialmente um tão querido quanto o General, estava chegando.

Pelo contrário, parecia que ele queria que o General estivesse no fundo do Mar Vermelho. Claramente ele tinha algo em mente que não queria dividir.

– Papai querido, vai me contar? – eu disse, colocando subitamente a mão sobre seu braço, e, tenho certeza, implorando com o olhar.

– Talvez – ele respondeu, acariciando o cabelo sobre meus olhos.

– O doutor acha que estou muito doente?

– Não querida; ele acredita que, se as providências certas forem tomadas, você ficará muito bem, ou pelo menos a caminho de uma recuperação completa, em um ou dois dias – ele respondeu, um pouco secamente. – Gostaria que nosso bom amigo, o General, tivesse escolhido qualquer outro momento; quero dizer, gostaria que você estivesse perfeitamente bem para recebê-lo.

– Mas diga-me, papai – insisti – o que ele acha que eu tenho?

– Nada; você não deve me perturbar com perguntas – ele respondeu, mais irritado do que me lembro de já tê-lo visto; e, vendo que eu estava magoada, suponho, ele me beijou e acrescentou – Você saberá de tudo em um ou dois dias; ou melhor, saberá tudo o que eu sei. Enquanto isso, não se preocupe.

Ele se voltou e deixou a sala, mas voltou antes que eu tivesse terminado de pensar sobre a estranheza de tudo aquilo; ele viera apenas dizer que estava indo para Karnstein, e que ordenara que a carruagem estivesse pronta ao meio-dia, e que eu e Madame deveríamos acompanhá-lo; ele ia ver o padre que vivia perto daquele local pitoresco, a negócios, e como Carmilla nunca o vira, ela poderia vir, quando descesse, com Mademoiselle, que traria todo o necessário para um piquenique, que faríamos nas ruínas do castelo.

Ao meio-dia, eu estava pronta, e pouco depois meu pai, Madame e eu partimos.

Depois de passarmos pela ponte levadiça viramos para a direita, e seguimos a estrada sobre a ponte gótica para chegar à vila deserta e as ruínas do castelo de Karnstein.

Nenhum passeio no campo poderia ser mais bonito. O terreno se divide em colinas e vales agradáveis, todos recobertos por lindas árvores, totalmente livres da formalidade comparativa criada pelo plantio, cultivo e as podas.

As irregularidades do terreno muitas vezes faziam a estrada se desviar do seu curso, e contornar os vales e as faces mais íngremes das colinas, entre variedades quase inesgotáveis de terrenos.

Fazendo uma dessas curvas, subitamente encontramos nosso velho amigo, o General, cavalgando em nossa direção, atendido por um criado montado. Sua bagagem estava seguindo em uma carroça alugada.

O General desmontou quando nos aproximamos, e, depois das saudações habituais, foi facilmente persuadido a aceitar o lugar vago na carruagem e enviar seu cavalo e criado para o *schloss*.

X

Luto

Fazia dez meses que não o víamos: mas esse tempo fora suficiente para envelhecê-lo. Ele havia ficado mais magro; a tristeza e ansiedade haviam tomado o lugar daquela serenidade cordial que costumava caracterizar seus traços. Seus olhos azul-escuros, sempre penetrantes, agora brilhavam com uma luz severa sob as desgrenhadas sobrancelhas cinzentas. Não era o tipo de mudança causada normalmente apenas pelo pesar, e paixões mais furiosas pareciam ter tido um papel em causá-la.

Não fazia muito tempo que havíamos recomeçado nossa viagem quando o General começou a falar, com a franqueza usual dos soldados, do pesar que sofrera com a morte da sua amada sobrinha e protegida; e então começou a falar em um tom de intensa amargura e fúria, falando sobre as “artes infernais” que a vitimaram, e expressando, com mais exasperação do que piedade, sua surpresa de que os Céus tolerassem uma indulgência tão monstruosa das luxúrias e malignidade do Inferno.

Meu pai, que viu imediatamente que algo extraordinário havia acontecido, pediu que, se não fosse muito doloroso, ele detalhasse as circunstâncias que acreditava justificar os termos fortes com que se expressava.

– Contarei com prazer – disse o General – mas você não vai me acreditar.

– Por que não? – ele perguntou.

– Por que – ele respondeu – você não acredita em nada além dos seus próprios preconceitos e ilusões. Lembro-me de quando era como você, mas aprendi minha lição.

– Experimente – disse meu pai – não sou tão dogmatista quanto supõe. Além do que, sei muito bem que você geralmente exige provas para o que acredita, e estou, portanto, fortemente predisposto a respeitar suas conclusões.

– Tem razão em supor que não comecei a acreditar imediatamente no extraordinário, pois o que experimentei foi extraordinário, e fui forçado por evidências extraordinárias a dar crédito ao que contraria completamente todas as minhas crenças. Fui o tolo de uma conspiração preternatural.

Apesar de suas declarações de confiança no discernimento do General, vi meu pai, nesse momento, olhar o General com, imaginei, fortes suspeitas quanto à sua sanidade.

Felizmente, o General não notou. Ele estava olhando triste e curiosamente para as clareiras e paisagens das florestas que se abriam à nossa frente.

– Estão indo para as ruínas de Karnstein? – ele disse. – Sim, é uma feliz coincidência; eu ia pedir-lhe que me trouxesse aqui para inspecioná-las. Tenho um motivo especial para isso. Há uma capela arruinada com muitas tumbas daquela família, não?

– Sim, muito interessantes – disse meu pai. – Acredito que esteja pensando em reivindicar o título e as terras?

Meu pai disse isso alegremente, mas o General não ofereceu o riso, ou até mesmo o sorriso, que a cortesia exige quando um amigo faz uma piada; pelo contrário, ele pareceu sério, e até mesmo feroz, ruminando sobre um assunto que agitava sua fúria e horror.

– Algo muito diferente – ele disse, rispidamente. – Pretendo desenterrar algumas daquelas boas pessoas. Espero, com a graça de Deus, cometer um sacrilégio piedoso aqui, que livrará nossa terra de certos monstros, e permitirá às pessoas honestas dormir em suas camas sem serem atacadas por assassinos. Tenho coisas estranhas para lhe contar, caro amigo, coisas que eu mesmo teria considerado inacreditáveis poucos meses atrás.

Meu pai olhou para ele novamente, mas dessa vez não com um olhar de suspeita, e sim com olhar de aguda inteligência e alarme.

– A casa de Karnstein – ele disse – está há muito extinta: há pelo menos cem anos. Minha querida esposa era descendente dos Karnstein pelo lado da mãe. Mas o nome e o título não existem há muito tempo. O castelo está em ruínas; a própria vila está deserta; faz cinquenta anos que não se vê fumaça nas chaminés; não resta nem mesmo um telhado.

– É verdade. Tenho ouvido muito sobre isso desde que o vi pela última vez; muito que irá surpreendê-lo. Mas é melhor que eu conte na ordem em que tudo aconteceu – disse o General. – Você viu minha querida protegida. Minha filha, posso chamá-la. Nenhuma criatura poderia ser mais linda, e apenas três meses atrás, nenhuma parecia prometer mais.

– Sim, pobrezinha! Quando a vi pela última vez ela estava adorável – disse meu pai. – Fiquei mais desolado e chocado do que posso dizer, caro amigo; sei o choque que aquilo foi para você.

Ele tomou a mão do General, e eles apertaram as mãos. Lágrimas se acumulavam nos olhos do velho soldado. Ele não tentou ocultá-las. Ele disse:

– Temos sido bons amigos; eu sabia que você sentiria por mim, que não tenho filhos. Ela se tornou objeto de meu grande afeto, e retribuiu meu cuidado com uma afeição que alegrou minha casa e tornou minha vida feliz. Agora, tudo isso acabou. Os anos que me restam na terra podem não ser muitos; mas pela graça de Deus espero prestar um serviço à humanidade antes de morrer, e servir a vingança dos Céus sobre os demônios que assassinaram minha pobre criança na primavera das suas esperanças e beleza!

– Você disse, agora mesmo, que pretendia contar tudo que aconteceu – disse meu pai. – Por favor, faça-o; garanto que não é mera curiosidade que me impulsiona.

Naquele momento, chegamos ao ponto no qual a estrada Drun stall, pela qual o General havia vindo, se separa da estrada que nos levaria a Karnstein.

– Falta muito para as ruínas? – perguntou o General, olhando ansiosamente à frente.

– Cerca de meia légua – respondeu meu pai. – Por favor, vamos ouvir a história que prometeu.

XI

A história

– De boa vontade – disse o General, com esforço; e depois de uma breve pausa para se preparar, começou uma das mais estranhas narrativas que eu jamais ouvi.

– Minha querida filha estava esperando com grande prazer a visita que você foi gentil em arranjar para que ela conhecesse sua adorável filha. – Nesse ponto, ele inclinou-se galantemente, mas tristemente, para mim. – Enquanto isso, tínhamos um convite para a casa do meu velho amigo, o Conde Carlsfeld, cujo *schloss* fica a cerca de seis léguas do outro lado de Karnstein. Nós participaríamos de uma série de festas que, você se lembra, foram dadas por ele a honra de seu ilustre visitante, o Grão-duque Charles.

– Sim, e elas foram, acredito, esplêndidas – disse meu pai.

– Princescas! Mas sua hospitalidade é principesca. Ele tem a lâmpada de Aladdin. A noite em que minha tristeza começou foi devotada a uma magnífica festa a fantasia. A propriedade foi aberta, e lâmpadas coloridas foram penduradas nas árvores. Houve uma exibição de fogos de artifícios como a própria Paris nunca viu. E a música... Música, você sabe, é minha fraqueza. Uma música arrebatadora! Talvez fosse a melhor banda instrumental do mundo, e os melhores cantores que puderam ser reunidos de todas as grandes óperas da Europa. Conforme você caminhava pela propriedade fantásticamente iluminada, com o *chateau* iluminado pela lua emitindo uma luz rosada das suas longas fileiras de janelas, de repente ouviria aquelas vozes arrebatadoras vindas de algum bosque ou elevando-se de barcos no lago. Eu me sentia, conforme olhava e ouvia, levado de volta para o romance e poesia da minha juventude.

“Quando os fogos de artifícios terminaram, e o baile começou, retornamos para o nobre conjunto de salas que foram abertas para os dançarinos. Um baile de máscaras, vocês sabem, é algo belo; mas um espetáculo tão belo eu nunca havia visto antes.

“Era uma reunião muito aristocrática. Eu mesmo estava entre os poucos ‘ninguéns’ presentes.

“Minha querida filha estava linda. Ela não estava usando máscara. Sua empolgação e deleite acrescentaram um charme inexplicável às suas feições,

sempre adoráveis. Notei uma jovem, vestida magnificamente, mas usando máscara, que parecia estar observando minha protegida com extraordinário interesse. Eu a havia visto mais cedo naquela noite, no grande salão, e novamente, por alguns minutos, caminhando perto de nós no terraço sob as janelas do castelo, também a observando. Uma dama, também mascarada, e vestida com gravidade, com ar imponente, como uma pessoa de posição, a acompanhava.

“Se a jovem não estivesse usando máscara, eu poderia, é claro, ter muito mais certeza sobre se ela estava realmente observando minha pobre querida.

“Agora tenho certeza de que sim.

“Estávamos em um dos salões. Minha pobre filha estivera dançando, e estava descansando um pouco em um das cadeiras perto da porta; eu estava de pé perto dela. As duas damas que mencionei haviam se aproximado, e a mais jovem sentou-se na cadeira ao lado da minha protegida enquanto sua companheira ficou de pé ao meu lado, e por algum tempo conversou, em voz baixa, com sua protegida.

“Aproveitando o privilégio de sua máscara, ela voltou-se para mim, e no tom de uma velha amiga, chamando-me pelo nome, entabulou uma conversa que me deixou muito curioso. Ela se referiu a muitas ocasiões em que haveria me encontrado, na corte, e em casas distintas. Aludiu a pequenos incidentes nos quais eu não pensava há muito, mas que, descobri, estavam apenas ocultos em minha memória, pois voltaram imediatamente à vida ao seu toque.

“A cada momento eu ficava mais e mais curioso para saber quem ela era. Ela resistiu hábil e graciosamente às minhas tentativas de descobrir sua identidade. O conhecimento que ela demonstrou sobre muitas passagens de minha vida me parecia inexplicável. Ela pareceu ter um prazer incomum em frustrar minha curiosidade, e em me ver debater-me em minha perplexidade, indo de uma conjectura para outra.

“Enquanto isso, a jovem, cuja mãe chamou pelo incomum nome de Millarca, quando, uma ou duas vezes, falou com ela, havia, com a mesma facilidade e graça, entabulado uma conversa com minha protegida.

“Ela se apresentou dizendo que sua mãe era uma velha conhecida minha. Falou da agradável audácia que a máscara permitia; falou como uma amiga; admirou seu vestido, e insinuou gentilmente sua admiração por sua beleza. Ela a divertiu com críticas risonhas às pessoas no salão de baile, e riu com o

divertimento da minha pobre filha. Ela era muito inteligente e viva quando queria, e, depois de algum tempo, elas ficaram muito boas amigas, e a jovem estranha retirou a máscara, mostrando um rosto notavelmente belo. Eu nunca havia visto-a antes, e nem minha querida filha. Mas embora ela fosse nova para nós, seus traços eram tão cativantes e adoráveis que era impossível não sentir a forte atração. Minha pobre garota a sentiu. Eu nunca vi ninguém mais encantada à primeira vista com outra pessoa, a menos, é claro, que fosse a própria estranha, que parecia ter perdido o coração para ela.

“Enquanto isso, aproveitando-me da licença das fantasias, fiz algumas perguntas à dama mais velha.

“– A senhora me deixou completamente confuso – eu disse, rindo. – Não é o bastante? Não consentirá agora em ficarmos em igual posição, e fazer a gentileza de tirar sua máscara?

“– Poderia um pedido ser mais despropositado? – ela respondeu. – Pedir a uma dama para abrir mão de uma vantagem! Além disso, como sabe que me reconheceria? Os anos causam mudanças.

“– Como vê – eu disse, com uma mesura, e, suponho, um riso bastante melancólico.

“– Como os filósofos nos dizem – ela disse. – E como sabe que ver meu rosto lhe ajudaria?

“– Devo correr o risco – respondi. – É em vão tentar se passar por uma mulher idosa, sua figura a trai.

“– Mesmo assim, anos se passaram desde que o vi, ou melhor, desde que o senhor me viu, pois é isso que estou considerando. Millarca, aqui, é minha filha; então, não posso ser jovem, mesmo na opinião das pessoas que o tempo ensinou a serem indulgentes, e posso não gostar de ser comparada com a lembrança que tem de mim. O senhor não tem máscara para retirar. Não pode me oferecer nada em troca.

“– Peço à sua piedade para removê-la.

“– E eu à sua, para permitir que ela permaneça onde está – ela respondeu.

“– Bem, então, pelo menos me diga se é francesa ou alemã; a senhora fala os dois idiomas tão perfeitamente.

“– Não acredito que deva dizer, General; está planejando um ataque surpresa, e está pensando no ponto particular de ataque.

“– De qualquer modo, não negará – eu disse – que, sendo honrado por sua permissão para conversarmos, devo saber como tratá-la. Devo chamá-la de Madame la Comtesse?

“Ela riu, e teria, sem dúvida, se evadido novamente, se, de fato, eu puder tratar qualquer ocorrência naquela entrevista como sendo pré-arranjada, como agora acredito ter acontecido, com a mais profunda astúcia, e sujeita a ser modificada por um acidente.

“– Quanto a isso – ela começou, mas foi interrompida, assim que abriu os lábios, por um cavalheiro vestido de preto, que parecia particularmente elegante e distinto, exceto que seu rosto era o mais mortalmente pálido que jamais vira, exceto nos mortos. Ele não estava mascarado. Usava os trajes noturnos de um cavalheiro; e disse, sem sorrir, mas com uma mesura cortês e incomumente baixa:

“– Madame la Comtesse me permitirá dizer algumas poucas palavras que podem interessá-la?

“A dama voltou-se rapidamente para ele, e tocou os lábios em sinal de silêncio, então me disse – Guarde meu lugar para mim, General; retornarei depois de trocar algumas palavras com o cavalheiro.

“E com essa injunção, feita de modo brincalhão, acompanhou o cavalheiro de preto, e eles conversaram por alguns minutos, aparentemente com muita seriedade. Eles então se afastaram lentamente, e eu os perdi de vista por alguns minutos.

“Passei esse intervalo esforçando o cérebro para tentar descobrir a identidade da dama que parecia se lembrar tão afetuosamente de mim, e estava pensando em me unir à conversa entre minha linda protegida e a filha da Condessa, e tentar ter seu nome, título, *chateau* e propriedades nas pontas dos dedos quando ela voltasse. Mas ela retornou naquele mesmo momento, acompanhada pelo homem pálido vestido de preto, que disse:

“– Retornarei e informarei a Madame la Comtesse quando sua carruagem estiver à porta.

“Ele se afastou com uma mesura”.

XII

Um pedido

“– Então devemos abrir mão de Madame la Comtesse, espero que apenas por algumas horas – eu disse, inclinando-me.

“– Pode ser que sim, ou podem ser algumas semanas. Foi muita falta de sorte ele falar comigo naquele momento, como fez. Reconhece-me agora?

“Essegurei-lhe que não.

“– O senhor se lembrará de mim – ela disse – mas não agora. Somos amigos mais antigos e melhores do que o senhor talvez suspeite. Não posso me revelar ainda. Devo passar por seu lindo *schloss*, sobre o qual tenho feito perguntas, em três semanas. Devo então visitá-lo por uma ou duas horas, e renovar uma amizade em que nunca penso sem mil lembranças agradáveis. Agora mesmo fui atingida por uma notícia, como um relâmpago. Devo partir imediatamente, e viajar por uma rota tortuosa, de quase cem milhas, com toda a velocidade que puder. Minhas dificuldades se multiplicam. Apenas a reserva compulsória que pratico quanto ao meu nome me impede de fazer-lhe um pedido muito incomum. Minha pobre filha ainda não recuperou suas forças. Seu cavalo caiu com ela, em uma caída que ela saiu para acompanhar, e seus nervos não se recuperaram do choque. Nosso médico diz que ela não deve fazer nenhum esforço por algum tempo. Consequentemente, viemos para cá em estágios muito fáceis, dificilmente seis léguas por dia. Devo agora viajar dia e noite, em uma missão de vida ou morte, uma missão de natureza crítica e essencial que poderei explicar-lhe quando nos encontrarmos, como espero que o façamos, em algumas semanas, sem necessidade de nenhum disfarce.

“Ela fez seu pedido, e o fez no tom de uma pessoa para quem um pedido assim consistia de uma concessão, e não de um favor.

“Isso somente nos modos, e, como me pareceu, de forma inconsciente. Sobre os termos em que o pedido foi feito, nada poderia ser mais humilde. O pedido era simplesmente se eu consentiria em tomar conta de sua filha durante sua ausência.

“Era, afinal, um pedido estranho, senão audacioso. Ela me desarmou um pouco, admitindo todos os argumentos em contrário, e colocando-se totalmente à mercê de meu cavalheirismo. No mesmo momento, por uma

fatalidade que parecia pré-determinada a acontecer, minha pobre filha veio para junto de mim, e, em voz baixa, pediu-me que convidasse sua nova amiga, Millarca, a nos fazer uma visita. Ela a estivera sondando, e achou que, se sua mãe concordasse, ela gostaria imensamente.

“Em outra ocasião, eu teria dito que ela esperasse um pouco, até que, pelo menos, soubéssemos quem eram. Mas não tive tempo para pensar. As duas damas me assaltaram ao mesmo tempo, e devo confessar que o rosto refinado e belo da jovem, que possuía algo extremamente cativante, além da elegância e fogo de um nascimento elevado, me fez decidir; e, bastante sobrepujado, aceitei e recebi, facilmente, a responsabilidade da jovem dama, que a mãe chamava Millarca.

“A Condessa falou com a filha, que ouviu com atenção enquanto ela lhe dizia, em termos gerais, como fora convocada repentina e imperiosamente, e também sobre o arranjo que fizera para ela ficar sob meus cuidados, acrescentando que eu era um dos seus mais antigos e valiosos amigos.

“Eu, é claro, disse o que a ocasião parecia exigir, e me vi, refletindo depois, em uma posição da qual não gostava nem um pouco.

“O cavalheiro de preto retornou, e conduziu cerimoniosamente a dama para fora da sala.

“O comportamento daquele cavalheiro era tal que me convenceu que a Condessa era uma dama muito mais importante do que seu modesto título me levaria a supor.

“Sua última instrução para mim foi que eu não deveria tentar descobrir mais nada além do que já havia adivinhado sobre ela até que retornasse. Nosso distinto anfitrião, de quem ela era convidada, sabia seus motivos.

“– Mas aqui – ela disse – nem eu nem minha filha podemos ficar em segurança por mais de um dia. Imprudentemente, removi minha máscara por um momento, cerca de uma hora atrás, e imaginei que o senhor tivesse me visto. Então resolvi buscar uma oportunidade de conversar um pouco com você. Se descobrisse que o senhor havia me visto, teria apelado para seu elevado senso de honra para manter meu segredo por algumas semanas. Fico satisfeita que não tenha me visto, mas se agora, ou mais tarde, suspeitar de quem sou, me coloco do mesmo modo à mercê de sua honra. Minha filha manterá o mesmo segredo, e sei bem que o senhor irá, de tempos, em tempos, lembrá-la disso, para que ela não o divulgue por descuido.

“Ela sussurrou algumas palavras para a filha, beijou-a duas vezes, apressadamente, e foi embora, acompanhada pelo pálido cavalheiro de preto, desaparecendo na multidão.

“– Na sala ao lado – disse Millarca – há uma janela de onde podemos ver a porta do salão. Eu gostaria de ver mamãe uma última vez, e soprar-lhe um beijo.

“Concordamos, é claro, e a acompanhamos até a janela. Olhamos para fora, e vimos uma bela carruagem de estilo antigo, com uma tropa de mensageiros e lacaios. Vimos a figura esguia do cavalheiro de preto quando ele colocou uma espessa capa de veludo sobre os ombros dela e vestiu-lhe o capuz. Ela assentiu para ele, e apenas tocou sua mão. Ele se inclinou repetidamente quando a porta se fechou, e a carruagem começou a se mover.

“– Ela se foi – disse Millarca, com um suspiro.

“– Ela se foi – repeti para mim mesmo, refletindo pela primeira vez, durante os rápidos momentos que haviam se passado desde que dera meu consentimento, sobre a tolice do meu ato.

“– Ela não olhou para cá – disse a jovem, melancolicamente.

“– A Condessa deve ter tirado a máscara, e não queria que alguém visse seu rosto – eu disse. – E ela não sabia que você estava na janela.

“Ela suspirou, e me olhou nos olhos. Ela era tão linda que me rendi. Lamentei ter, por um momento, me arrependido de minha hospitalidade, e decidi compensá-la pela minha injustificada recepção grosseira.

“A jovem, recolocando a máscara, se aliou à minha protegida para me persuadir a voltar para os jardins, onde o concerto logo recomearia. Fizemos isso, e percorremos o terraço sob as janelas do castelo.

“Millarca tornou-se muito íntima de nós, e nos divertiu com descrições e histórias vivas sobre a maioria das grandes pessoas que vimos no terraço. Eu gostava mais dela a cada minuto. Suas fofocas sem maldade eram extremamente divertidas para mim, que estava a tanto tempo afastado do mundo. Eu pensei na animação que ela traria às nossas noites em casa, às vezes solitárias.

“O baile não terminou até o sol da manhã quase atingir o horizonte. O Grão Duque gostava de dançar até aquela hora, então as pessoas leais não iam

embora, nem pensavam em dormir.

“Havíamos acabado de passar por um salão abarrotado quando minha protegida perguntou onde estava Millarca. Eu achava que ela estivesse ao seu lado, e ela imaginava que ela estivesse ao meu. O fato era que a havíamos perdido.

“Todos meus esforços para encontrá-la foram em vão. Temi que ela tivesse, na confusão de uma separação momentânea de nós, confundido outras pessoas com seus novos amigos, e tivesse, possivelmente, ido atrás deles e os perdido nos grandes jardins que foram abertos para os convidados.

“Agora, eu reconhecia totalmente uma nova tolice em ter assumido a responsabilidade por uma jovem sem nem mesmo saber seu nome; e preso como estava por promessas, de cujos motivos eu nada sabia, não podia nem mesmo começar minha busca dizendo que a jovem desaparecida era filha da condessa que havia partido algumas horas antes.

“O sol nasceu. O dia já estava claro antes que eu desistisse da busca. Foi só depois das duas horas do dia seguinte que tive notícias sobre a desaparecida.

“Por volta dessa hora um criado bateu à porta da minha sobrinha, para dizer que uma jovem dama, que parecia muito perturbada, queria saber onde poderia encontrar o General Barão Spielsdorf e sua jovem filha, sob cuja responsabilidade fora deixada por sua mãe.

“Não havia dúvida, apesar do ligeiro engano, que nossa jovem amiga havia aparecido, e assim era. Graças aos céus não a havíamos perdido!

“Ela contou a minha filha uma história para explicar porque demorara tanto para nos encontrar. Era tarde, ela dissera, quando fora ao quarto da arrumadeira, desesperada para nos encontrar, e caíra em um sono profundo que, embora longo, dificilmente fora o bastante para que recuperasse suas forças depois das fadigas do baile.

“Naquele dia, Millarca voltou para casa conosco. Eu estava muito feliz por ter, afinal, conseguido uma companheira tão adorável para minha querida menina”.

XIII

O lenhador

"Entretanto, logo surgiram alguns problemas. Em primeiro lugar, Millarca queixava-se de extrema languidez, uma fraqueza que restava depois de sua doença passada, e nunca saía de seu quarto até que a tarde estivesse bastante avançada. "Além disso, descobriu-se, acidentalmente, que embora ela sempre trancasse a porta por dentro, e nunca tocasse a chave até que permitisse a entrada da criada para ajudá-la com sua toalete, às vezes, sem dúvida, ela se ausentava do quarto até o começo da manhã, e em vários outros momentos durante o dia, antes que ela quisesse que soubéssemos que ela estava acordada. Ela era repetidamente vista das janelas do *schloss*, à luz cinzenta da manhã, andando entre as árvores para o leste, e parecendo estar em transe. Isso me convenceu de que ela era sonâmbula. Mas essa hipótese não solucionou o quebra-cabeça. Como ela saía do quarto, deixando a porta trancada por dentro? Como saía da casa sem destrancar nenhuma porta ou janela?

"Entre minhas perplexidades, surgiu uma ansiedade de tipo muito mais urgente.

"A saúde de minha querida filha começou a decair, e de modo tão misterioso, e até mesmo horrível, que fiquei completamente aterrorizado.

"No início, ela foi visitada por sonhos assustadores; depois, ela achava, por um espectro, que às vezes se parecia com Millarca, outras com a forma de um animal, indistinto, andando ao redor de sua cama, de um lado para o outro.

"Por último, vieram as sensações. Uma, não desagradável, mas muito peculiar, ela disse, lembrava o fluxo de uma corrente gelada contra seu peito. Depois, ela sentia algo como um par de grandes agulhas perfurando-a, um pouco abaixo da garganta, com uma dor muito aguda. Algumas noites depois, seguiu-se uma sensação gradual e convulsiva de estrangulação; e então, vinha a inconsciência".

Eu podia ouvir distintamente cada palavra que o velho General estava dizendo, porque nesse momento estávamos percorrendo o curto gramado que se estende dos lados da estrada quando nos aproximamos da vila sem telhados que não via a fumaça de uma chaminé há mais de meio século.

Vocês podem imaginar como me senti quando ouvi meus próprios

sintomas descritos tão exatamente naqueles experimentados pela pobre moça que, se não fosse a catástrofe que se seguiu, seria naquele momento uma convidada no *chateau* de meu pai. Podem imaginar, também, como me sentia ao ouvi-lo detalhar hábitos e peculiaridades misteriosas que eram, na verdade, aqueles da nossa linda convidada, Carmilla!

Uma clareira se abriu na floresta; estávamos subitamente sob as chaminés e empenas da vila em ruínas, e as torres e ameias do castelo desmantelado, ao redor do qual árvores enormes se agrupavam, inclinando-se sobre nós de uma ligeira elevação.

Desci da carruagem em um sonho assustador, e em silêncio, pois todos tínhamos muito em que pensar; começamos a subir, e logo estávamos entre as câmaras espaçosas, escadas sinuosas e corredores escuros do castelo.

– E esta um dia foi a residência palacial dos Karnsteins! – disse o velho General, enquanto olhava, de uma grande janela, para a vila, e via a ampla e ondulante vastidão da floresta. – Era uma família má, e foi aqui que seus anais sangrentos foram escritos – continuou. – É cruel que eles devam, depois da morte, continuar a flagelar a raça humana com suas paixões atrozes. Aquela é capela dos Karnstein, logo ali.

Ele apontou para as paredes cinzentas do edifício gótico parcialmente visível através das folhagens, um pouco além da escarpa. – E ouço o machado de um lenhador – acrescentou – trabalhando entre as árvores que a cercam; é possível que ele possa nos dar a informação que procuro, e indicar o túmulo de Mircalla, Condessa de Karnstein. Esses rústicos preservam as tradições locais das grandes famílias, cujas histórias morrem entre os ricos e privilegiados assim que as próprias famílias se extinguem.

– Temos, em casa, um retrato de Mircalla, Condessa de Karnstein; gostaria de vê-lo? – perguntou meu pai.

– Temos bastante tempo, bom amigo – respondeu o General. – Acredito ter visto o original; e um dos motivos que me fez vir a você antes do que pretendia era explorar a capela de que nos aproximamos agora.

– O quê? Ver a Condessa Mircalla! – exclamou meu pai. – Ora, ela morreu há mais de um século!

– Ela não está tão morta quanto imagina, pelo que eu soube – respondeu o General.

– Confesso, General, que está me confundindo completamente – respondeu meu pai, olhando para ele, imaginei, com a suspeita que eu havia notado antes. Mas embora às vezes houvesse raiva e repulsa nos modos do velho General, não havia nada de irrefletido neles.

– Resta-me – ele disse, enquanto passávamos sob o pesado arco da igreja gótica, pois suas dimensões justificavam ela ter sido projetada dessa forma – apenas um objetivo que pode me interessar durante os poucos anos que me restam na terra, e este é fazer chover sobre ela a vingança que, graças a Deus, ainda pode ser realizada por um braço mortal.

– De que vingança está falando? – perguntou meu pai, cada vez mais surpreso.

– Pretendo decapitar o monstro – ele respondeu, subitamente inflamado, e em um tom que ecoou pelas ruínas vazias, e, no mesmo momento, ele levantou o punho fechado, como se segurasse o cabo de um machado, enquanto o agitava ferozmente no ar.

– O quê? – exclamou meu pai, mas surpreso do que nunca.

– Cortar a cabeça dela.

– Cortar a cabeça dela!

– Sim, com um facão, com uma pá, com qualquer coisa que possa cortar sua garganta assassina. Você verá – ele respondeu, tremendo de fúria. E avançando, disse:

– Aquela viga servirá para nos sentarmos; sua querida filha está fatigada; deixe-a sentar-se, e vou, em poucas palavras, encerrar minha história terrível.

O bloco quadrado de madeira, que estava sobre o pavimento coberto de grama da capela, formava um banco sobre o qual fiquei muito feliz em me sentar, e, enquanto isso, o General chamou o lenhador, que estava removendo alguns ramos que se inclinavam sobre as velhas paredes; e, com o machado em punho, o velho robusto ficou de pé à nossa frente.

Ele não pode nos dizer nada sobre aqueles túmulos, mas havia um ancião, ele disse, um guarda florestal, que naquele momento estava hospedado na casa do padre, a cerca de duas milhas dali, que podia indicar todos os túmulos da velha família Karnstein; e, em troca de algumas moedas, concordou em ir buscá-lo,

se pudéssemos emprestar-lhe um dos nossos cavalos por pouco mais de meia hora.

– Faz muito tempo que trabalha nesta floresta? – meu pai perguntou ao velho.

– Tenho sido lenhador aqui – ele respondeu – sob ordens do guarda florestal, minha vida toda, assim como meu pai antes de mim, e assim por diante, por tantas gerações quantas posso contar. Posso mostrar aos senhores a casa, nesta mesma vila, em que meus ancestrais viviam.

– Como a vila ficou deserta? – perguntou o General.

– Ela foi atacada por mortos-vivos, senhor; muitos foram seguidos até suas tumbas, identificados pelos testes usuais, e extintos do modo usual, por decapitação, com a estaca, e pelo fogo; mas não antes que muitos dos aldeões fossem mortos.

– Mas depois de todos esses procedimentos, realizados de acordo com a lei – ele continuou – tantos túmulos abertos, e tantos vampiros privados da sua horrível animação, a vila não ficou tranquila. Mas um nobre morávio, que estava viajando por aqui, ouviu falar desses problemas, e sendo hábil, como muitas pessoas em seu país, nesse tipo de assunto, se ofereceu para livrar a vila de seu algoz. Ele o fez dessa maneira: como a lua estava brilhante naquela noite, ele subiu, pouco depois do pôr do sol, as torres da capela, de onde podia ver distintamente o terreno abaixo; vocês podem vê-la daquela janela. Daquele local, ele vigiou até ver o vampiro sair de seu túmulo, depositar a seu lado as roupas de linho com que fora enterrado, e então flutuar na direção da vila para atormentar seus habitantes.

O estranho, tendo visto tudo isso, desceu do campanário, recolheu as roupas de linho do vampiro, e as levou para o alto da torre, onde subira novamente. Quando o vampiro voltou de sua ronda e percebeu a falta das roupas, gritou furiosamente para o morávio, que viu no alto da torre, e que, em resposta, o convidou a subir e reclamá-las. Com isso, o vampiro, aceitando o desafio, começou a subir o campanário, e assim que chegou às ameias, o morávio, com um golpe de espada, separou seu crânio em dois, jogando-o para o cemitério, para onde o estranho o seguiu, pelas escadas, e cortou sua cabeça. No dia seguinte, ele a entregou, juntamente com o corpo, para os aldeões, que os empalaram e queimaram.

Esse nobre morávio recebera autoridade do então líder da família para remover a lápide de Mircalla, Condessa de Karnstein, o que fez, de modo que em pouco tempo sua localização foi esquecida.

– Você pode indicar onde o túmulo ficava? – perguntou o General, ansioso.

O guarda-florestal balançou a cabeça, e sorriu.

– Nenhuma alva viva pode dizer isso agora – ele disse – além disso, dizem que o corpo dela foi removido, mas ninguém tem certeza disso também.

Tendo dito isso, e como o tempo era curto, ele deixou seu machado e partiu, deixando-nos para ouvir o resto da estranha história do General.

XIV

A reunião

“Minha querida filha”, ele recomeçou, “estava piorando rapidamente. O médico que a atendeu não pode dar nenhuma opinião sobre sua doença, o que então eu acreditava ser. Ele notou meu alarme, e sugeriu uma consulta. Chamei um médico mais capaz, de Gratz.

“Passaram-se muitos dias antes que ele chegasse. Ele era bom e piedoso, além de ser um homem culto. Depois de examinarem juntos minha pobre protegida, eles se reuniram em minha biblioteca para conferenciar e discutir. Eu, da sala adjacente, onde esperava que me chamassem, ouvi as vozes alteradas dos dois cavalheiros, em algo que era mais do que uma discussão estritamente filosófica. Bati na porta e entrei. Encontrei o velho médico de Gratz defendendo sua teoria. Seu rival a estava combatendo com franco ridículo, com acessos de riso. Essa manifestação incomum diminuiu e a alteração terminou com minha entrada.

“– Senhor, disse o primeiro médico – meu erudito colega parece pensar que o senhor precisa de um feiticeiro, não de um médico.

“– Perdão – disse o velho médico de Gratz, ofendido – darei minha opinião sobre o caso à minha própria maneira, e em outro momento. Lamento, *Monsieur Le General*, que minhas habilidades e ciência não serão úteis. Antes que eu me vá, farei a mim mesmo a honra de sugerir algo ao senhor.

“Ele parecia pensativo, sentou-se à mesa e começou a escrever.

“Profundamente desapontado, fiz uma mesura, e quando me voltei para sair, o outro médico apontou sobre o ombro para o companheiro, que estava escrevendo, e então, dando de ombros, tocou significativamente a testa.

“Assim, aquela consulta me deixou exatamente na mesma situação. Fui para os jardins, pensativo. Depois de dez ou quinze minutos, o médico de Gratz me alcançou. Ele se desculpou por ter me seguido, mas disse que não podia em sua consciência partir sem dizer mais algumas palavras. Ele me disse que não podia estar errado; que nenhuma doença natural exibia aqueles sintomas, e que a morte estava muito próxima. Entretanto, ainda havia um, ou talvez dois, dias de vida. Se o ataque fatal fosse impedido imediatamente, com grande cuidado e habilidade, era possível que ela recuperasse as forças. Mas naquele momento, tudo estava às margens do irrevogável. Mais um ataque poderia extinguir o último lampejo de

vitalidade, que está, a cada momento, pronto para desaparecer.

“– Qual é a natureza do ataque de que fala? – perguntei.

“– Expliquei tudo nesta nota, que coloco em suas mãos sob a condição de que mande buscar o sacerdote mais próximo, e abra minha carta em sua presença, e que de modo algum a leia até que ele esteja com você; se não for assim, o senhor a desprezaria, e trata-se de uma questão de vida ou morte. Se o sacerdote não vier, então poderá lê-la.

“Ele me perguntou, antes de finalmente partir, se eu gostaria de ver um homem conhecedor do assunto, que, depois que eu lesse sua carta, provavelmente me interessaria mais do que todos os outros, me incitou a visitá-lo, e, com isso, partiu.

“O sacerdote estava ausente, e li a carta sozinho. Em outro momento, ou em outras condições, a teria achado ridícula. Mas em que bobagens as pessoas não acreditam para ter uma última chance, quando todos os meios comuns já falharam e a vida de alguém amado está em risco?

“Nada, vocês dirão, poderia ser mais absurdo do que a carta do erudito.

“Ela era monstruosa o bastante para fazê-lo ser internado em um hospício. Ele disse que a paciente estava sendo visitada por um vampiro! As perfurações que ela havia dito terem ocorrido perto da garganta eram, ele insistia, a inserção daqueles dois dentes longos, finos e afiados que são, como todos sabem, peculiares aos vampiros; e não podia haver dúvida, ele acrescentava, quanto à bem definida presença da pequena marca lívida que todos concordavam em descrever como sendo induzidas pelos lábios do demônio, e todos os sintomas descritos pelo paciente estavam exatamente de acordo com aqueles registrados em todos os casos de visitas similares.

“Como eu mesmo era totalmente cético quanto à existência de portentos como os vampiros, a teoria sobrenatural do bom doutor fornecia, em minha opinião, apenas outro exemplo de erudição e inteligência estranhamente associadas a algum tipo de alucinação. Entretanto, eu estava tão miserável que, em vez de não tentar nada, obedeci às instruções da carta.

“Escondi-me, no escuro, no quarto de vestir que se abria para o quarto da pobre paciente, onde uma vela queimava, e vigiei dali até que ela estivesse profundamente adormecida. Fiquei à porta, vigiando pela pequena abertura, com a espada sobre a mesa ao lado, como as instruções ordenavam, até que, um pouco

depois da uma hora, vi um grande objeto negro, muito indefinido, arrastar-se, como me pareceu, até o pé da cama, e rapidamente se espalhar até a garganta da pobre moça, onde tornou-se, em um instante, uma grande massa palpitante.

“Fiquei petrificado por alguns momentos. Então, saltei para frente, com a espada em punho. A criatura negra subitamente se contraiu na direção do pé da cama, flutuou sobre ele, e vi Millarca, de pé no chão a cerca de um metro da cama, com um olhar de ferocidade e horror esquivo fixo em mim. Pensando não sei em que, golpeei-a imediatamente com a espada, mas a vi de pé perto da porta, ilesa. Horrorizado, a persegui, e golpeei de novo. Ela havia desaparecido, e minha espada espatifou-se contra a porta.

“Não posso descrever para vocês tudo o que aconteceu naquela noite terrível. Todos na casa estavam acordados e agitados. O espectro Millarca havia desaparecido. Mas sua vítima estava piorando rápido, e antes que o dia nascesse, morreu”.

O velho General estava agitado. Não falamos com ele. Meu pai afastou-se um pouco e começou a ler as inscrições nas lápides, e, ocupado com isso, foi até a porta de uma capela lateral para continuar suas pesquisas. O General apoiou-se contra a parede, secou os olhos e suspirou pesadamente. Fiquei aliviada ao ouvir as vozes de Carmilla e Madame, que estavam se aproximando. As vozes morreram na distância.

Naquela solidão, tendo acabado de ouvir uma história tão estranha, conectada, como era, com os grandes e nobres falecidos cujos túmulos estavam apodrecendo entre a poeira e hera ao nosso redor, na qual cada incidente era tão horrivelmente semelhante ao meu próprio caso, naquele local assombrado, escurecido pela folhagem que se elevava por todos os lados, densa e alta contra as paredes silenciosas, um horror começou a tomar conta de mim, e meu coração se apertou quando pensei que minhas amigas não estavam, afinal, prestes a entrar e perturbar aquela cena triste e sinistra.

Os olhos do velho General estavam fixos no solo enquanto ele se inclinava com a mão sobre a base de uma lápide destrocada.

Sob um arco estreito, encimado por um daquelas gárgulas demoníacas cuja aparência cínica e horrenda os antigos góticos gostavam tanto, vi, com alegria, surgirem na capela escura o lindo rosto e figura de Carmilla.

Assenti sorrindo, em resposta a seu sorriso peculiarmente atraente, e estava prestes a me levantar a saudá-la quando, com um grito, o velho ao meu lado pegou o machado do lenhador e avançou. Ao vê-lo, ela sofreu uma mudança

brutal. Foi uma transformação horrível e instantânea, no mesmo momento em que ela deu um passo para trás. Antes que eu pudesse gritar, ele a golpeou com toda a força, mas ela mergulhou sob seu golpe, e, ilesa, segurou-o com a pequena mão pelo pulso. Ele lutou por um momento para se libertar, mas sua mão se abriu, o machado caiu, e a moça desapareceu.

Ele cambaleou contra o muro. Seu cabelo cinzento estava em pé, e seu rosto brilhava, como se ele estivesse a ponto de morrer.

A cena terrível durou apenas um instante. A primeira coisa de que me lembro depois daquilo é de Madame de pé à minha frente, e repetindo impacientemente a pergunta "Onde está Mademoiselle Carmilla?".

– Não sei... não posso dizer... ela foi para lá – e aponte para a porta pela qual Madame havia acabado de entrar – faz apenas um ou dois minutos.

– Mas estive de pé, aqui, na passagem, desde que Mademoiselle Carmilla entrou, e ela não voltou.

Ela começou a chamar "Carmilla" por todas as portas, passagens, e janelas, mas não houve resposta.

– Ela disse se chamar Carmilla? – perguntou o General, ainda agitado.

– Carmilla, sim – respondi.

– Sim – ele disse – aquela é Millarca. Aquela é a mesma pessoa que há muito tempo foi chamada Mircalla, Condessa de Karnstein. Parta desse local amaldiçoado, minha pobre criança, o mais rápido que puder. Vá para a casa do padre, e fique lá até chegarmos. Vá! Que possa nunca mais ver Carmilla; você não a encontrará aqui.

Julgamento e execução

Enquanto falávamos, um dos homens mais estranhos que já vi entrou na capela, pela porta pela qual Carmilla fizera sua entrada e saída. Ele era alto, com peito estreito, inclinado, com ombros altos, e vestido de preto. Seu rosto era marrom e seco, com rugas profundas; ele usava um chapéu de formato estranho, com abas largas. Seu cabelo, longo e grisalho, pendia sobre os ombros. Ele usava um par de óculos dourados, caminhava lentamente, com um passo cambaleante, e seu rosto às vezes se voltava para o céu, às vezes se inclinava para o solo, e parecia ter um sorriso perpétuo; seus braços, longos e magros, estavam balançando, e suas mãos esguias, com velhas luvas pretas, grandes demais, balançavam e gesticulavam em completa abstração.

– Eis o homem! – exclamou o General, avançando com evidente deleite. – Meu caro Barão, como estou feliz em vê-lo, não esperava encontrá-lo tão cedo. Ele acenou para meu pai, que havia retornado, trazendo o fantástico cavaleiro, que ele chamou de Barão, para encontrá-lo. Ele os apresentou formalmente, e eles começaram a conversar. O estranho pegou um pedaço de papel no bolso, e o abriu sobre a superfície desgastada de uma tumba próxima. Ele tinha um lápis entre os dedos, com o qual traçou linhas imaginárias de um ponto a outro do papel, e, como eles olhavam frequentemente, juntos, do papel para certos pontos do edifício, concluí que se tratava de uma planta da capela. Ele acompanhou o que posso chamar de sua palestra com leituras ocasionais de um pequeno livro sujo, cujas páginas amarelas estavam cheias de textos em letras apertadas.

Eles perambularam juntos pela nave lateral, do lado oposto a onde eu estava, conversando enquanto caminhavam; então, começaram a medir as distâncias em passos, e finalmente todos pararam em frente a um trecho da parede lateral, que começaram a examinar com grande cuidado; puxando as heras que o cobriam, batendo no gesso com as pontas das bengalas, arranhando aqui, batendo ali. Por fim, confirmaram a existência de uma larga placa de mármore, com letras gravadas.

Com ajuda do lenhador, que havia retornado, foi descoberta uma inscrição monumental e um brasão esculpido. Eles mostraram ser o há muito perdido túmulo de Mircalla, Condessa de Karnstein.

O velho General, embora, temo, não tivesse sido tomado pela vontade

de orar, levantou as mãos e olhos para o céu, em mudo agradecimento, por alguns momentos.

– Amanhã – eu o ouvi dizer – o comissário estará aqui, e a inquirição será feita de acordo com a lei.

Então, voltando-se para o velho com óculos dourados que descrevi, apertou-lhe calorosamente as mãos e disse:

– Barão, como posso agradecê-lo? Como podemos agradecê-lo? Você está libertando esta região de uma praga que vem flagelando seus habitantes por mais de um século. O horrível inimigo, graças a Deus, foi afinal encontrado.

Meu pai se afastou com o estranho, seguidos pelo general. Sei que ele os levou para onde não pudessem ser ouvidos, para que pudessem falar do meu caso, e os vi olharem rapidamente para mim conforme a discussão avançava.

Meu pai veio até mim, beijou-me repetidamente, e levou-me para fora da capela, dizendo:

– E hora de voltar, mas antes de irmos para casa, devemos unir ao nosso grupo o bom padre que vive perto de nós, e persuadi-lo a nos acompanhar até o *schloss*.

Tivemos sucesso nessa empreitada: e fiquei feliz, mesmo estando incrivelmente fatigada quando chegamos em casa. Mas minha satisfação se transformou em desânimo ao descobrir que não havia notícias de Carmilla. Sobre a cena que ocorrera na capela arruinada, nenhuma explicação me foi oferecida, e estava claro que era um segredo que meu pai, no momento, estava determinado a guardar de mim.

A sinistra ausência de Carmilla tornou a lembrança da cena ainda mais horrível para mim. Os arranjos para a noite foram singulares. Dois criados e Madame deviam ficar em meu quarto naquela noite; e o padre e meu pai ficariam de vigia na sala de vestir ao lado.

O padre realizou alguns ritos solenes naquela noite, cujo objetivo eu não compreendi mais do que compreendi a razão das extraordinárias precauções que foram tomadas para a segurança do meu sono.

Entendi tudo claramente alguns dias depois.

O desaparecimento de Carmilla foi seguido pela interrupção dos meus

sofrimentos noturnos.

Sem dúvida vocês já ouviram falar da apavorante superstição que existe na Estíria Inferior e Superior, na Morávia, Silésia, na Sérvia Turca, na Polônia, e até mesmo na Rússia; a superstição do vampiro.

Se os testemunhos humanos, tomados com todos os cuidados e solenidade, judicialmente, ante incontáveis comissões, todas compostas por muitos membros, todos escolhidos por sua integridade e inteligência, e constituídos de relatórios talvez mais volumosos do que os que existem sobre qualquer outro tipo de caso, forem válidos, é difícil negar, ou até mesmo duvidar, da existência do fenômeno do vampiro.

De minha parte, nunca ouvi nenhuma teoria que explicasse o que eu mesma testemunhei e experimentei, além daquela oferecida pela antiga e comprovada crença do país.

No dia seguinte, os procedimentos formais ocorreram na capela de Karnstein.

O túmulo da Condessa Mircalla foi aberto, e o General e meu pai reconheceram sua pérfida e linda convidada no rosto que se revelou. Os traços, embora cento e cinquenta anos tivessem se passado depois do funeral, estavam marcados pelo calor da vida. Os olhos estavam abertos, e nenhum odor cadavérico exalava do caixão. Os dois médicos, um presente oficialmente, e o outro representando o promotor do inquérito, atestaram o fantástico fato de que havia uma respiração fraca, porém perceptível, e uma ação correspondente do coração. Os membros estavam perfeitamente flexíveis e a carne, elástica. O caixão de chumbo estava repleto de sangue, com uma profundidade de sete polegadas, no qual o corpo estava imerso.

Então, todos os sinais e provas aceitos de vampirismo estavam presentes. Portanto, o corpo, de acordo com as práticas antigas, foi exumado, e uma estaca afiada foi enfiada no coração do vampiro, que emitiu um grito horrível, em todos os aspectos igual ao que uma pessoa viva emitiria em sua agonia final. Então, a cabeça foi cortada, e uma torrente de sangue fluíu do pescoço cortado. O corpo e a cabeça foram colocados sobre uma pilha de madeira, e reduzidos a cinzas, que foram jogadas no rio e levados para longe; e desde então aquela região não foi mais flagelada pelas visitas de um vampiro.

Meu pai tinha uma cópia do relatório da Comissão Imperial, com as assinaturas de todos os presentes durante aqueles acontecimentos, como confirmação das declarações. Foi a partir daquele documento oficial que resumi

minha descrição desta última cena chocante.

XVI

Conclusão

Podem supor que escrevo isso com compostura. Longe disso; não posso pensar nisso sem agitação. Nada, além de seus desejos mais sinceros, expressos tão repetidamente, poderiam ter me induzido a assumir uma tarefa que perturbará meus nervos por meses, e reintroduziu uma sombra do indizível horror que, anos depois da minha libertação, continuou a aterrorizar meus dias e noites, e tornou a solidão insuportavelmente horrível.

Deixem-me acrescentar uma ou duas palavras sobre aquele curioso Barão Vordenburg, a cuja curiosa erudição somos gratos pela descoberta do túmulo da Condessa Mircalla.

Ele residia em Gratz, onde, vivendo com uma pequena renda, que era tudo o que restava das grandes propriedades de sua família na Estíria Superior, e se devotou à investigação detalhada e laboriosa da tradição do vampirismo. Ele tinha todos os grandes e pequenos trabalhos sobre o assunto ao alcance das mãos.

"Magia Posthuma", "Phlegon de Mirabilibus", "Augustinus de cura pro Mortuis", "Philosophicae et Christianae Cogitationes de Vampiris", de John Christofer Herenberg; e mil outros, entre os quais lembro-me de apenas alguns dos que foram emprestados a meu pai. Ele tinha um volumoso resumo de todos os casos judiciais, dos quais extraiu um sistema de princípios que parecem governar a condição do vampiro, alguns sempre, e outros apenas ocasionalmente. Posso mencionar, de passagem, que a palidez mortal atribuída àquele tipo de morto-vivo é uma mera ficção melodramática. Eles apresentam, no túmulo, e quando se mostram na sociedade humana, a aparência de uma vida saudável. Quando expostos em seus caixões, exibem todos os sintomas que comprovaram a vida vampiresca da há muito falecida Condessa de Karnstein.

Como eles escapam de seus túmulos e retornam para eles durante certas horas todos os dias, sem deslocar a argila ou deixar qualquer traço de perturbação no estado do caixão ou das mortalhas, sempre foi considerado completamente inexplicável. A existência anfíbia do vampiro é sustentada pelo seu sono diário no túmulo. Sua horrível luxúria por sangue vivo proporciona o vigor para sua existência desperta. O vampiro tem propensão a se fascinar por indivíduos em particular, com uma veemência absorvente que lembra a paixão do amor. Na perseguição dessas pessoas, ele exercerá paciência e artifícios inexauríveis, pois o acesso a um objetivo em particular pode estar obstruído de

uma centena de maneiras diferentes. Ele nunca desistirá até que tenha satisfeito sua paixão, e drenado a vida de sua vítima desejada. Mas, nesses casos, ele pode proteger e protelar seu prazer assassino com o refinamento de um gastrônomo, e aumentá-lo com as aproximações graduais de uma corte hábil. Nesses casos, ele parece desejar algo como simpatia e consentimento. Nos casos ordinários, ele avança diretamente até seu objetivo, domina com violência, estrangula e exaure em um único banquete.

O vampiro está, aparentemente, sujeito em certas situações a condições especiais. No caso em particular que relato, Mircalla parecia ser limitada a um nome que, se não fosse seu nome real, deveria pelo menos reproduzir, sem omissão ou adição de uma única letra, aquelas que o compõe, na forma de um anagrama, como dizemos.

Carmilla fez isso, Millarca também.

Meu pai contou ao Barão Vonderburg, que ficou conosco por duas ou três semanas depois da expulsão de Carmilla, a história do nobre morávio sobre o vampiro do cemitério de Karnstein, e então perguntou ao Barão como ele havia descoberto a posição exata da há muito oculta tumba da Condessa Mircalla. Os traços grotescos do Barão se contorceram em um sorriso misterioso; ele olhou para baixo, ainda sorrindo, para a caixa desgastada dos seus óculos, mexendo com ela. Então, levantando os olhos, disse:

“Tenho muitos diários, e outros documentos, escritos por aquele homem notável; o mais curioso entre eles é um que trata da visita a que se refere, a Karnstein. A tradição, é claro, a descolore e distorce um pouco. Ele podia ser chamado nobre morávio, pois mudara-se para aquele território, e era, de fato, um nobre. Mas era, na verdade, nativo da Estíria Superior. Basta dizer que quando era muito jovem, ele fora um apaixonado e apreciado pretendente da linda Mircalla, Condessa de Karnstein. Sua morte lhe causou um pesar inconsolável.

“É da natureza dos vampiros crescer e se multiplicar, mas de acordo com uma lei definida e fantasmagórica. Suponha um território inicialmente perfeitamente livre dessa peste. Como ela começa, e como eles se multiplicam? Eu lhes direi. Uma pessoa, mais ou menos perversa, comete suicídio. Um suicida, sob certas circunstâncias, torna-se um vampiro. Esse espectro visita os vivos em seu sono; eles morrem, e quase invariavelmente tornam-se vampiros depois de enterrados. Isso aconteceu no caso da linda Mircalla, que foi assombrada por um desses demônios. Meu ancestral, Vordenburg, cujo título ainda carrego, logo descobriu isso, e no curso dos estudos a que se devotou, descobriu muito mais.

“Entre outras coisas, concluiu que a suspeita de vampirismo provavelmente cairia, mais cedo ou mais tarde, sobre a condessa falecida, que em vida fora seu ídolo. Ele ficou horrorizado, fosse ela o que fosse, com a ideia de que seus restos fossem profanados pelo ultraje de uma execução póstuma. Ele deixou um curioso documento para provar que o vampiro, quando expulso da sua existência anfíbia, é lançado em uma existência ainda mais horrível; e resolveu salvar sua amada Mircalla daquele destino.

“Ele adotou o estratagema de viajar para cá, uma falsa remoção dos restos mortais, e uma obliteração real do seu túmulo. Quando envelheceu, e, do vale dos anos, olhou para trás, para as cenas que estava deixando para trás, considerou, com um estado de espírito diferente, o que havia feito, e foi tomado pelo horror. Ele elaborou os planos e notas que me guiaram até o local exato, e escreveu uma confissão da mentira que havia praticado. Se ele planejou tomar alguma atitude sobre o assunto, a morte o impediu; e a mão de um descendente remoto guiou, tarde demais para alguns, a busca pelo covil da fera”.

Conversamos um pouco mais, e entre outras coisas ele disse:

– Um dos sinais do vampiro é a força das mãos. A mão esguia de Mircalla se fechou como um alicate de aço sobre o pulso do General quando este levantou o machado para golpeá-la. Mas sua força não está confinada aos músculos; ela entorpece o membro que segura, que se recupera lentamente, ou nunca.

Na primavera seguinte, meu pai me levou para viajar pela Itália. Ficamos longe por mais de um ano. Demorou muito para que o terror dos eventos recentes se desvanecesse; e até este momento lembro-me da imagem de Carmilla com variações ambíguas – às vezes, a garota brincalhona, lânguida, linda; às vezes, o demônio contorcido que vi na igreja arruinada; e com frequência sou despertada de um devaneio, acreditando ter ouvido o passo leve de Carmilla à porta da sala de vestir.

* * * * *

O AUTOR E A OBRA

O irlandês Joseph Thomas Sheridan Le Fanu (28 de agosto de 1814 – 7 de fevereiro de 1873) foi um dos primeiros escritores de terror do século XIX, e foi essencial para o desenvolvimento do gênero na era vitoriana, tendo influenciado muitos autores posteriores, incluindo o também irlandês Bram Stoker, autor de *Drácula*.

Carmilla, sua obra mais conhecida, é uma das primeiras histórias de vampiros da literatura, tendo sido publicada vinte e cinco anos antes de *Drácula*. É também considerada uma das obras mais importantes e influencias da literatura de terror; muitos elementos presentes ainda hoje na ficção vampiresca se originaram em *Carmilla*, como a mulher-vampiro que seduz suas presas, e a aproximação entre o vampirismo e a sexualidade.

A obra foi adaptada diversas vezes para o cinema, com maior ou menor fidelidade, começando pelo filme *O Vampiro (Vampyr)* de 1931, depois do que se seguiram diversas outras adaptações, mais ou menos fiéis. *Carmilla* também é vista, ou referenciada, em diversas outras obras sobre vampiros, seja na literatura, histórias em quadrinhos e séries de TV.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: Carmilla

Autor: Joseph Thomas Sheridan Le Fanu

Tradução: Eduardo Kraszczuk

Imagem de Capa: "Cemetery," © 2011 Mike Eaves, utilizada com permissão.

Todos os direitos desta edição © 2014 Eduardo Kraszczuk. É proibida a reprodução, armazenamento, transmissão sob qualquer forma ou por quaisquer meios eletrônicos, mecânicos, de fotocópia, gravação ou outros sem permissão prévia por escrito do detentor dos direitos.

[1] Forma antiga da palavra vampiro em polonês (N. do T.)